

**FACULDADE CIDADE DE JOÃO PINHEIRO
PEDAGOGIA**

ANGELITA APARECIDA FERREIRA DE SOUZA

**AS FOLIAS DE REIS: Contribuições para a Educação
Social da Comunidade Rural Fazenda Tapera do
município de João Pinheiro (MG)**

**JOÃO PINHEIRO
2016**

ANGELITA APARECIDA FERREIRA DE SOUZA

AS FOLIAS DE REIS: Contribuições para a Educação Social da Comunidade Rural Fazenda Tapera do município de João Pinheiro (MG)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenadoria do Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica da Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP, como parte de requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador (a): Dr^a. Maria Célia da Silva Gonçalves

**JOÃO PINHEIRO
2016**

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

Marthin Luther King

ANGELITA APARECIDA FERREIRA DE SOUZA

**AS FOLIAS DE REIS: Contribuições para a Educação Social da
Comunidade Rural Fazenda Tapera do município de João Pinheiro (MG)**

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Pedagogia da
Faculdade Cidade de João Pinheiro -
FCJP, como requisito para obtenção do
Grau de Licenciatura em Pedagogia.**

João Pinheiro, 12 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Professor orientador

Professor

Professor

Dedico este trabalho a Deus que me ilumina nos momentos difíceis e me ampara nas turbulências.

AGRADECIMENTOS

Este será o momento mais importante deste trabalho, nele, eu poderei especificar as bases que me levaram a concluir o mesmo, sem elas eu não teria condições de alavancar, pois várias foram as pessoas que me apoiaram e me auxiliaram, por palavras amigas entre outros que serviram de subsídio.

Agradeço a Deus, o que acredito, que me trás a luz, me ampara, me liberta, que me ordena.

Com muita fé, também não posso deixar de citar aos Santos Reis, esses que foram à esfera deste trabalho, que se fez presente, me deu estrutura, palavras nos momentos certos, intercedeu junto a Deus pela minha saúde quando eu já não tinha mais vontade de continuar com este trabalho, movida a dores e desesperos, estes me trouxe acalento, ânimo e superação para o fim deste desafio.

A família que é a maior dádiva que Deus nos oferece como presente, nestes estão incluídos o meu pilar, a minha fortaleza, “aroeira”, que apesar da idade consegue surpreender a todos com uma energia que trás orgulho a todos os filhos, mãezinha, Angelina, a você eu agradeço por acreditar em mim, por estar sempre presente em todos os momentos de minha vida, a senhora só me resta dizer com muito orgulho, obrigada, minha fortaleza.

Aos meus dois filhos, Isabella, Rian, exemplo de filhos, motivo de alegria e felicidade para uma mãe, agradeço pelas participações especiais de cada um durante esta caminhada, pelas dúvidas tiradas, pelos trabalhos compartilhados, pelos stress descontados sem medir as consequências, sementes do meu ser, que ao longo dos anos, desejo que produzam bons frutos, assim como se tornaram para mim.

Ao meu estimado companheiro, Valdinei, meu amor, obrigada por suportar as crises de nervoso, pelas noites frias que passou sozinho durante esses quatro anos, enquanto eu corria atrás de meus objetivos escolares, pelas às vezes que deixei de compartilhar momentos em família com você, pela paciência comigo, por nunca reclamar.

Aos meus nove irmãos, uma (em memória), que mesmo não estando neste plano, não deixou de fazer parte de minha vida, saudades eternas Odélia, Agradeço à todos, Leidimar, Maria Helena, Célio, Solano, Océlia, Maria Abadia, Milton, José, de uma forma unificada, diferente, especial, por estarem sempre me apoiando, auxiliando, me protegendo, “unidos” sempre será nosso lema. A você minha irmã Océlia, companheira dessa jornada, eu não poderia deixar de destacar em minha vida, momentos difíceis, dolorosos, emotivos, alegres, durante todos esses anos você estava lá, firme, ao meu lado, incentivando, defendendo, protegendo, me priorizando. Como não emocionar neste

momento? Saber que além de irmã, eu sempre tive uma segunda mãe ali presente, mesmo eu não demonstrando essa gratidão, mas sempre acreditei e percebi seu apoio a mim incondicionalmente, agradeço humildemente seu esforço em me fazer uma pessoa do bem.

Grandes são as descobertas durante este trabalho, uma delas, tenho que me inspirar para falar, pois merecedora, rica em conhecimento, preciso que seja de pé o meu agradecimento a esta professora, orientadora, inspiradora e tão criteriosa Dr^a Maria Célia da Silva Gonçalves, “tia Célia”, a esta, tenho o imenso prazer em dizer que, sem a sua colaboração nem digo como professora, mas como inspiradora, este trabalho não seria possível, a sua paciência, conselhos, elogios, fez de mim, sua seguidora, admiradora. Obrigada por essa transformação em meu ser. Aproveito também a oportunidade para agradecer ao casal em específico, Vandeir e Giselda, a quem tanto admiro, por serem aqueles que guardam e protegem a nossa cultura local, compromisso importante que sustentam e que vão servir de subsídio para gerações futuras.

Aos professores que tivemos a oportunidade de conhecer e que nos trouxeram bibliotecas em conhecimento, levo muito de vocês, tenho muita admiração, carinho a todos, obrigada, Adriana, Conceição, Eremita, Giselda, Helaine, Luciana, Maria Rita, Maria Célia, Maria de Lourdes, Marcelo, Marilda, Mayara, Mírcia, Pedro, Patrícia, Rosangela, Vandeir.

Os sobrinhos que moram aqui no coração, que na verdade não os vejo como sobrinhos e sim, filhos, obrigada por serem parte deste contexto de alguma maneira.

Ao meu genro João Henrique, obrigada pela humildade, pelas caronas e aceitar minhas chantagens para conquista-las.

Ao meu padraсто Benedito, que com carinho me deu todo o suporte para realização deste trabalho, sempre receptivo subsidiou com todas as informações necessárias.

Meus sinceros e amigos cunhados, amo todos por igual, obrigada pelo carinho que sempre depositaram em mim.

Aos meus conterrâneos, amigos, irmãos, família, companheiros de todos os anos, colaboradores, foliões, fieis, seguidores de Santos Reis, a todos vocês que enriqueceram este trabalho, porque sem vocês o mesmo não seria possível, vocês: Benedito, Elizeu, Célio, Justino, Severiano, Mailton, Angelina, Adão, Silvano, Solano, Gezo, Vicentina, Ednéia, Júlio, obrigada por todas as informações prestadas e pelo carinho que sempre me dedicaram.

Agradeço aos meus colegas acadêmicos, que durante quatro anos estive comigo, construindo, dia após dia, nosso sonho, juntos, tivemos e estaremos nos corredores da amizade que nunca deverá

terminar. Somente vocês são capazes de definir o que sinto agora. Agradeço em especial, a acadêmica e amiga linda, Miriam, pelas caronas incondicionais.

Agradeço aos meus colegas e amigos do trabalho, PSF III, que por vezes me encontrou a chorar e deram força, suporte emocional para que tudo não desabasse em minha vida, e ainda os trabalhos artesanais que me ajudaram a construir.

Portanto, este é o resultado de um trabalho construído em dias difíceis, com muito esforço, renúncia, mas que servirá de suporte para reconhecer e valorizar este sonho que se faz tão próximo da minha realidade, ser uma graduada, e que em breve, graças a todos discriminados acima, foi possível conquistar.

Obrigada a todos que colaborou de alguma maneira, minha eterna gratidão, garanto que sozinha nada disso seria possível. Por fim, este trabalho foi iniciado em nome de Deus, e com ele eu termino, obrigada por toda essa obra em minha vida, meu bom Jesus, filho de Deus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I.....	16
1- DESAFIO EM PESQUISAR AS FOLIAS DE REIS E SEUS VALORES	16
1.1-..... Uma Análise a Respeito das Tradições Culturais	16
1. 2- Procedência das Folias de Reis (Uma Cultura Popular Brasileira).....	17
CAPITULO II.....	23
2- A REPRESENTAÇÃO DA COMUNIDADE PERANTE ESTA TRADIÇÃO RELIGIOSA.....	23
2.1- A Especificação dos Participantes Entrevistados.....	23
2.2- O Início: As Raizes deste Ritual.....	27
2.3- A Fé Repassada por Gerações.....	32
2.4- Momentos do Ritual que Propagaram A Festa De Santos Reis	37
III-CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
IV- REFERÊNCIAS	55
V- ANEXOS.....	56

Resumo:

Durante anos da vida, foi possível memorizar os valores traçados em uma comunidade, ao qual houve uma infância marcada, diante de tamanha fonte histórica que foi possível produzir a grandeza desta arte, ao qual busca salientar a história de um terno de Folia de Santos Reis de uma comunidade e seus valores invertidos a educação dos jovens que nela se insere. Os cuidados que esta mesma comunidade seguiu para que as crenças, a identidade, a memória repassada de geração em geração não ficasse esquecida o registro das mudanças desde a fundação até os dias atuais que a comunidade foi possível fazer para que esta tradição religiosa fosse mantida viva na memória de todos que nela vinculou além de um patrimônio histórico deixado como parte da cultura local para o município.

Palavra chave: Educação, Fé, Identidade, Mudanças, Santos Reis, Valores

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar as folias de reis e suas contribuições para educação social de uma comunidade rural de João Pinheiro (MG). As folias de reis são alto natalinos presente na cultura brasileira desde o início da colonização até o presente momento, passando por variações do ritual e do festar nas diferentes regiões do Brasil. Em João Pinheiro, essa manifestação constitui uma das maiores tradições populares que é repassada dos idosos para as crianças por meio da memória. Essa pesquisa visou investigar como se dá esse processo educativo popular na comunidade da fazenda Tapera, para tanto a metodologia utilizada ancorou em uma etnografia pelo fato da pesquisadora ter nascido e vivido grande parte de sua vida participando deste ritual. Também foram feitas entrevistas com os foliões e devotos no sentido de analisar a importância da memória desses guardiões de uma tradição tão importante para o município de João Pinheiro (MG).

Ao desenvolver esse projeto a pesquisadora se deu a partir da oportunidade que teve em trazer para a realidade dos membros desta comunidade, família e foliões, os anseios que tinha desde pequena em investigar de forma explícita a história da festa de reis da Fazenda Tapera desde o seu surgimento, suas inquietações na proposta de esclarecer até o presente momento o caráter educativo para esta comunidade assistida. A tradição, além de atrair um público grande, ainda contribui com a aprendizagem dos jovens que é indispensável para manter esta referida tradição em um futuro bem próximo, uma vez que o tema proposto quase não foi explorado, e logo, rico em informações primordiais que podem ser utilizadas em vários campos educativos e culturais nas comunidades e instituições de ensino da cidade e outras regiões. Projeto este que também visa estudar as janelas de oportunidades que o jovem tem de conhecer os rituais e tradições da sua árvore genealógica.

A prática deste festar natalino trás em seu contexto, diferentes abordagens que tem como objetivo, traduzir a visita dos Três Reis Magos ao menino Jesus, a união da família, assim, para quem cultiva a doutrina, o festar em diversos momentos trás cenas emocionantes e afetivas para aqueles que de alguma maneira já recebeu graças pela prática de promessas e fé. Nesse sentido ancora-se na fala

Essas folias exercem importante influência cultural e religiosa na sociedade pinheirense. Elas são responsáveis pelo importante papel de guardiã de um saber muito especial, a invocação dos santos para as curas e a solução de problemas materiais e espirituais. Nas raras vezes é possível ouvir de alguém

que “*Santos reis curou a filha, retirou o filho do mundo dos jogos, da cachaça...*”. Diante desse fato, observa-se que as folias (re)elaboram identidades, incluem pessoas ignoradas pela sociedade,(...) (GONÇALVES,2011,p.18).

A folia de reis em seu legado, transmite aos seus seguidores uma comunicação de gáudio em seu entorno,, deixando uma oportunidade de despertar a integração espontânea dos jovens e toda uma família. Deste modo, devido á pesquisadora ter vivido toda sua infância dentro esses costumes religiosos, várias são as lembranças dessa vivência, percebendo a importância de manter viva essa sua identidade, despertou o desejo que parte de dentro para fora em reconhecer o que de melhor essa tradição trouxe para sua vida, pois carrega consigo as lembranças de uma infância cheia de dificuldades, mas rica em alegria, inocência, humildade, união á família e fé.

Durante toda sua história, a pesquisadora teve como norte as tradições de sua comunidade, seus pais faziam economia por meses, para entregar como “esmola” ao santo. Ouvia de seus irmãos que na semana de receber os foliões em sua casa, os pais faziam caças de animais silvestres como o tatu, para preparar o jantar dos mesmos. Sempre jantavam e no dia seguinte tomavam o café antes de se despedirem, a data já ficava “pré-estipulada”, devido ao aniversário de uma das crianças da casa, no ano novo, alguns foliões faziam questão de fazer “agradinhos”, por este e outros motivos, o “pouso” do terno coincidia de ser lá, haviam moradores próximo com condições financeiras melhores na região, mas por serem “suvinhos”, preferiam a simplicidade de fé. Várias eram as datas comemorativas aos santos como: São João, São José, Senhor Bom Jesus da Lapa, sendo a última e mais esperada a de reis, que reuniam maior número de famílias, o dia de Santos Reis envolvia maior tempo, assim como os preparos.

As famílias, em grande parte, com renda mensal baixa, as condições financeiras eram escassas, as dificuldades de locomoção nesta época eram muitas, devido ás fazendas serem muito distante uma das outras. Famílias eram constituídas de mais ao menos doze pessoas, sendo a grande maioria crianças, não dispunham de animais para todos, logo, a pesquisadora tinha como transporte somente uma junta de bois e carroça que, com toda dificuldade, ”viajava” por horas, junto de sua mãe e irmãos, ás vezes com chuva, outras muito sol, haviam dificuldades com os equipamentos que mantinham os bois preso a carroça, quando a “cangaia” soltava, os bois fugiam para dentro dos cerrados, causando muita confusão, ainda considerando o risco que todos corriam de se machucarem. A comida era levada na marmita,

farofa de ovos, laranjas descascadas, mas, tudo era festa, pois acreditava na força que regiam tais dificuldades, a fé a Santos Reis. Seguiam três dias antes para contribuir com sua mão de obra, e assim, realizar o festar natalino.

Durante o festejo, todos os familiares se reencontravam, todas energias positivas eram creditada nesta data. Durante as viagens que teve nas suas lembranças, a pesquisadora com emoção relembra de como aprendeu a dançar durante esta festa, os padrinhos foliões colocava-a em cima de seus pés e dançava por uma, duas, três músicas, levando-a a sentir prazer pela dança por toda sua vivência. Entende ela hoje que, nada faria sentido em sua vida, se não pudesse ter como princípio, a sua origem, em razão disto, a pesquisadora pretende devolver de forma educativa e reconhecedora o que essa tradição cultural, dentro desta comunidade, trouxe de melhor a ela.

Durante os estudos da autora para elaborar este documento, houve momentos emocionantes em suas buscas, ao ir de encontro com o baú de novidades encontradas nas mais belas obras de autores consagrados e desconhecidos pela pesquisadora desde então, lágrimas caíam ao descobrir o pequeno mundo em que ela se encontrava, ou seja, rodeada de informações primordiais a respeito de suas crenças, vínculos a suas devoções, mas restringida pela “ignorância” funilada.

Olhando para além do horizonte, se viu na oportunidade de levar a sua comunidade o mesmo reconhecimento que construirá durante as pesquisas qualitativas realizadas, diante disto, o aprofundamento deste tema pesquisado levará outros pesquisadores, educandos ou mesmo membros da própria comunidade a ter uma visão diferenciada para essa prática, um olhar amplo para o fazer e refazer deste estudo. Os valores as culturas religiosas estão se evadindo com o passar dos anos, sua prática já não seguem os mesmos costumes como nos anos anteriores, diante deste conceito, a pesquisadora pontuou a importância de resgatar esses valores para a sociedade, uma vez que as culturas diversas que enriquecem os valores sociais de um país.

A pesquisadora buscou ampliar os conhecimentos, e levar esse mesmo para aplicar na nossa educação, instigada a mergulhar no mundo das buscas pela sua orientadora e pontuar aquilo que de mais importante estivessem invisível aos olhos da sociedade em que se insere, logo, a Folia de reis da comunidade Fazenda Tapera ganhou destaque em seus rituais e apontaria suas possíveis falhas ou dificuldades do tema pesquisado para que as mesmas sejam corrigidas e transformadas em contribuição para o desenvolvimento acadêmico, uma vez que

os estudos foram feitos da Folia de Reis desta comunidade acima, desde o seu surgimento, com descrição detalhada de suas crenças e buscando compreender o caráter educativo social desta cultura desde o início até os dias atuais. Baseado nesta reflexão, a pesquisadora intentou-se em responder um denominado número de questões, que foram norteadores deste desafio e pontuou de maneira a contribuir para análises futuras. Analisou o motivo que levou o surgimento do terno de folia de reis da Fazenda Tapera; Identificou as contribuições que esta tradição religiosa trouxe a referida comunidade; compreendeu como que se dá a transferência de saberes deste ritual aos jovens que nela se insere, Identificou as regras que seguem esta tradição que não podem ser quebradas ou extinguidas pelo grupo; investigou se a tradição segue desde o início ou se houve modificações; apresentou os motivos que levam os foliões a participar deste ritual religioso; enfatizou o sistema organizacional desde a véspera de natal até a festa de reis.

A falta de valorização das tradições culturais de uma comunidade como a Fazenda Tapera que leva o município a ter ênfase na marginalidade, a omissão destes fatores levam os jovens a se envolver com atividades ilícitas, ao contrário, se tivessem valorização pelo caráter educativo ao qual foi criado, as crianças aprenderiam desde pequeno a seguir regras, se manter em família, a participar do festar religioso, a conhecer e buscar aquilo que vivenciou com a família, adquirindo valores sentimentais pela prática. Manter se neste grupo desde pequeno leva o jovem a criar vínculos, influenciando suas futuras ações no mesmo sentido que foi criado. Mas as tradições estão caindo no esquecimento, e o mundo das tecnologias crescendo e despertando nos jovens outros conceitos.

Na busca por melhores meios que conduzisse este trabalho, resolvi optar pela pesquisa de campo, na Fazenda Tapera, município de João Pinheiro-MG, ao qual foi pesquisado desde o início da tradição até os novos tempos, ação esta, qualitativa e quantitativa, um estudo de caso, ao qual foi desempenhado e baseado nas experiências etnográficas da autora, autores já consagrados e também em entrevistas gravadas com dez pessoas que participam de alguma maneira deste ritual religioso, sendo eles, os foliões componentes do terno de folia, sendo eles jovens e idosos, floristas, festeiros e operários de Santos Reis em geral.

Estas entrevistas levaram os entrevistados a expor suas opiniões, vivências, experiências de memória, identidade cultural e representações, possibilitando interpretações diferentes, momentos variados, permeando nosso discurso, uma vez que cada geração tem uma forma de conduzir esta tradição, sendo ainda norteadores do desenvolver deste projeto,

uma vez que, das concepções advindas destas experiências que me foram concedidas em entrevistas, que tornou possível concluir com gáudio este trabalho.

Neste primeiro capítulo intitulado - *desafio em pesquisar as folias de reis e seus valores*, teve o objetivo em trazer para o conhecimento da pesquisadora e outros que tiver acesso ao trabalho, a origem e identidade das Folias de Reis e as tradições cultivada pela memória, advinda de nossos ancestrais.

No segundo capítulo *A representação da comunidade perante esta tradição religiosa*, busca analisar qual a idade dos participantes operários de Santos Reis, estado civil, se tem filhos e se eles estão inseridos neste contexto religioso, como foi e quantos anos já participam deste festejo, qual o papel dentro do terno de folia, e o que significa Santos Reis em suas vidas e se já houve graças recebidas. O mesmo aprofunda na memória específica do trabalho, objetiva a pesquisa em campo e trás resultados contundentes.

CAPÍTULO I

1- DESAFIO EM PESQUISAR AS FOLIAS DE REIS E SEUS VALORES

1.1- Uma Análise a Respeito das Tradições Culturais

As tradições culturais de caráter religioso, estão sendo extinguidas do cotidiano dos indivíduos desta era contemporânea, e as principais e tristes conclusões destas causas, são os êxitos rurais, a alta valorização de bens materiais, o pouco planejamento do tempo, a luta por igual oportunidades de crescimento no meio profissional, ou seja, quanto mais cresce as oportunidades materialistas na vida de cada indivíduo, com êxito vão deixando esquecido as tradições que substituídas por objetos tecnológicos se tornou motivo de preocupação em todo país, devido ao “mal uso” dos mesmos.

Antes de definir o objetivo do estudo, foi preciso conhecer pela base a origem do tema, permitindo assim fazer o resgate da história, possibilitando as novas gerações o conhecimento prévio e aprofundado do assunto, o construir e reconstruir da história, com isto, proporcionar a ligação de todas as gerações através de vários instrumentos como diz este autor “que os frutos da experiência humana são quase que integralmente conservados, graças á tradição oral, graças aos livros, aos monumentos figurados, aos utensílios de toda espécie, que se transmitem de geração em geração.” (DURKHEIM, 1978.p.46).

A Folia de Reis vem sendo transferida de geração em geração, mas aos poucos perdendo conteúdos importantes para novas gerações. Com o passar dos anos, algumas tradições foram deixadas no anonimato, a referida tradição Folia de Reis, perdeu muito espaço na sociedade, pois em décadas anteriores o número de famílias participantes eram maiores, mas, ainda sim, é considerada uma tradição significativa em nosso país, através das figuras ilustrativas e do cortejo dos foliões durante os giros que chamam atenção a fé que se mantém viva para seus fieis seguidores.

A valorização das famílias, das pessoas simples, a cada dia são banidas da sociedade, as novas gerações estão se despedindo pouco a pouco dos conceitos, das práticas religiosas e familiar que vivenciaram toda sua geração anterior, poucos ainda arriscam a assumir as concepções deixada de herança pelos pais. A cada nova geração, se renovam também as

práticas, neste conceito ainda diz Durkheim, ao invés de se dissipar, todas as vezes que uma geração se extingue e é substituída por outra, a sabedoria humana vai sendo acumulada e revista, dia a dia, e é essa acumulação indefinida que eleva o homem acima do animal e de si mesmo”. (DURKHEIM, 1978.p.46).

Agindo assim, diante deste pressuposto, que se deve resgatar as origens, colocar no presente os costumes, as crenças que elevaram toda uma geração anterior a construir toda essa nação, ou seja, o resgate de valores se faz necessário para que outra possa substituir. Sendo assim, buscar o conhecimento e chamar atenção de outros pesquisadores da história foi objetivo deste trabalho, tendo em vista as variações culturais que se aplica a cada grupo, o mesmo status quo de devoção ao Menino Jesus.

1. 2- Procedência das Folias de Reis (Uma Cultura Popular Brasileira)

Baseado em estudos bíblicos, em autores conceituados que poderá considerar a importância da visita dos reis magos ao filho de Deus, na gruta de Belém, foram guiados por uma estrela, do Oriente a Jerusalém, os magos: Gaspar, Belchior e Baltazar em sua chegada, causa momentos de inquietações a população e ao rei Herodes, que ao saber das especulações sobre o nascimento do menino Jesus, usa o artifício da sabedoria para enganar os magos e obter informações sobre a criança chamada de Rei dos Judeus, a bíblia fala no Evangelho “Ide e informai-vos bem a respeito do menino. Quando o tiverdes encontrado, comunicai-me, para que eu também vá adorá-lo”. (Matheus 2-8).

Ao encontrar o menino junto de sua mãe, prostaram-se diante dele adorando-o e presenteando-o com tesouros. Enquanto dormiam, foram alertados por sonho que Herodes havia planejado uma armadilha, seguiram de volta, em fuga, por caminho diferente, deixando Herodes ainda mais irritado que com grande fúria ordenou “Massacrar em Belém e nos seus arredores todos os meninos de dois anos para baixo, conforme o tempo exato que havia indagado os magos”. (Matheus 2-16).

A partir desta concepção que (GONÇALVES, 2011, p.39) afirma

Os reis magos são considerados os primeiros santos do cristianismo e a sua santificação é atribuída ao encontro divino (menino Deus). Foram santificados pela esperança, pelo contato com a renovação, embora nunca tenham sido aceitos como santos oficiais da Igreja católica.

Com base na visita dos Três Reis Magos ao menino prodígio, no dia seis de Janeiro se deu a origem do dia de reis. De acordo com (PERGO-Vera, 2009) a origem da tradição de Folia de Reis teve início na Península Ibérica, chegou ao Brasil no século XVI, por volta de 1534, por intermédio dos Portugueses, através das cantigas e danças entoadas em seu cortejo, eram ofertados presentes aos foliões. Desde o período colonial, os Jesuítas em seus ensinamentos catequistas aos índios e escravos iniciou as misturas diversas culturais existentes e vivenciadas pelos brasileiros. As adaptações e influências variam a cada região e o passar dos anos, mas a fé que move os seus seguidores continua inabalável.

Ao iniciar este trabalho, se fez necessário uma cuidadosa busca, pesquisa sobre a verdadeira face da Folia de Reis, procura esta que trouxe a pesquisadora um grande conhecimento sobre escritores conceituados que já lançou obras essenciais sobre o tema, amparada por esses autores que trouxe em seu trabalho alguns deles e visto ela que, ao falar do conceito que trás estes autores da Folia de Reis, antes precisa ir de encontro ao passado de cada um, para entender qual sua origem e o que o motivou a esta causa, falar de cultura folclórica, em meio a esta busca, a autora foi emocionalmente surpreendida pela sua trajetória.

Parafraseando (BRANDÃO,1981), sua opção por escrever sobre cultura folclórica não foi adquirida por herança, nem participação em comunidades com rituais folclórico, pois nasceu na capital, comunidade de classe média, contrária de onde geralmente acontece as manifestações culturais com maior ênfase, discorre o autor.

Enquanto universitário do curso de psicologia, ainda não havia se encontrado como profissional, chamado a trabalhar no (Movimento de Educação de Base) como monitor, foi como ele se descobriu, gostaria de algo além dos muros da escola, alguma profissão que lhe proporcionasse prazer ao executar, ou seja, através de pesquisas de campo, projetos culturais rurais do país com maior índice de “pobreza”, com intuito de busca como experiência no modo de agir e falar das diferentes culturas, mas a intenção não era de fazer registros, e sim conhecer.

Ao percorrer locais de base, se redescobria perante aquela gente diferente de tudo que já havia conhecido. Em suas andanças, percebeu que precisava dar a categoria necessária a sua vocação, que além de educador em busca de argumentos, também estava sendo “educado”. Firmada nas palavras do próprio autor que diz

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços de vida com ela: Para

aprender, para ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO.1981, p.7)

O interesse dele pelas culturas foi ancorado a partir daquela época e por outros folcloristas, que através de indicações de livros e pequenas quantidades de lições, o iluminou a ingressar na carreira de escritor. No ano de 1964, interior de Goiás, na prática, se encantou com as grandezas das crenças rituais das comunidades.

Um dos seus maiores marcos da carreira, foi presenciar pela primeira vez a participação de um terno da “Folia de Santos Reis” no interior de Goiás, a dança de “Catira” e uma “Chegada de Traição”. (o ritual da madrugada, feita em surpresa, com que uma turma de trabalhadores de mutirão avisa ao morador, a quem oferece serviço, de sua chegada inesperada). Saberes e práticas até então desconhecidos pelo autor. Não se fechando neste pequeno mundo de apenas conhecer, iniciou seus registros por fotos e filmagens para fomentar suas experiências futuras. Casado, com uma goiana, filha de uma das aldeias que era seu campo de pesquisa, dividia seu tempo, aulas de psicologia e pesquisas, mas para continuar na universidade como educador, era necessário se capacitar, juntando a “fome com a vontade de comer”, se formou em mestrado Antropologia social, onde adquiriu as técnicas para pesquisa.

Em 1973, iniciou suas primeiras buscas sobre catolicismo popular, publicando assim, seu primeiro livro. O autor sentia prazer em estar retornando as mesmas aldeias, vivenciando os mesmos rituais, vista com outros olhares, ou seja, os motivos que o levavam aos mesmos lugares, já não eram motivado pelo trabalho, mas sim, por sentir felicidade.

A Folia de Santos Reis, para Brandão, não é só ritual folclórico, mas também um ato de devoção. Em destaque, o autor deixa transparecer seu regozijo em pesquisar. Em suas palavras assim confere “foi ali que aprendi a compreender a cultura popular do ponto de vista dos seus próprios praticantes, este é o aprendizado mais difícil, porque ele converte o pesquisador em participante e o cientista em crente”.(BRANDÃO, 1977,P.3).

Segundo Brandão, ser um pesquisador é deixar levar pelas emoções que se refere ao objeto a ser pesquisado, se fazer um deles, e ter prazer pelo que faz, não ser apenas um mero expectador observante. Durante suas buscas, estudou um grupo de Folia de Reis urbana, com todas as crenças e rituais ainda conservados, mesmo em seu conceito percebendo a perda de alguns detalhes que legitima o ritual.

Perante a observação da obra deste autor, a pesquisadora se deparou com regras desconhecidas por ela nos rituais natalinos, perante o estudo de um grupo de folia, no artigo do autor, relatou a forma de agradecimento do grupo por “esmolas” recebidas, que a cada espécie de prenda, uma quadra cantada para agradecer de acordo com a “esmola”, se animais, uma quadra cantada referente ao nome próprio da oferta, e ainda, todo morador que solicitar a visita da bandeira, os foliões não poderão deixar de levar, ao contrário, aqueles que se recusa em receber, segundo a lenda, corre risco de ser “castigado” por santos reis.

De um modo geral, no conceito de Brandão, as folias de reis são constituídas de uma relação entre a devoção ao santo e os gestos simbólicos da troca entre oferecer e alcançar a graça recebida. Durante todo o percurso acompanhando os giros dos foliões, o autor descreve com eficiência os fatos tal como acontecia, os rituais de forma oral, em gestos, de modo implícito e explícito contextualizando toda trajetória representada pelos reis magos na visita a gruta de Belém. As crenças são respeitadas e praticadas a cada moradia, seja pelos expectadores, foliões ou mesmo os moradores.

A conclusão deste estudo trouxe reflexões bem elaboradas para fins educativos a âmbito cultural, em uma simples reflexão, Freire se faz presente “ tudo isso ligado a contextos mais amplos que o do meu mundo imediato e de cuja existência eu não podia sequer imaginar”.(FREIRE.1997,p.14), fatos históricos, cujo o objeto fazia parte da vida da pesquisadora, logo, se via tão distante e ignorado. Estudar e fazer parte de uma cultura é uma forma de vida que se incorpora de modo possível, indicações de sabedoria e forma de relação comunitária de um mesmo grupo.

1.3- Cultura Folclórica: Folia de Reis e suas Atuações no Brasil

De acordo com (SANTOS. 2009), a cidade de Jesópolis deu origem em função das festas religiosas já existentes, em 1949, em homenagem ao menino Jesus, esse nome foi decidido por votação que teve o processo conduzido por um padre, ainda por ser a cidade que cultivava a tradição com êxito, um dos moradores batizou três dos seus filhos com o nome dos reis magos.

A cidade se antecede nos preparativos para o festejo natalino, toda a cidade se mobiliza em função de celebrar o menino Jesus, receber os visitantes, que chega a ser mais que triplo de moradores do povoado, assim, os moradores preparam suas vestimentas com

muita euforia, todos precisam estar a caráter e em grande estilo, deixando as costureiras sobrecarregadas de costura, até mesmo os animais precisam ter equipamentos reparados, tudo colorido, de acordo com as cores do natal, não resumindo aí, os moradores precisam antecipar em suas doações, que variam entre animais e alimentos, uma vez que a festa, cujo o nome “pouso”, a despesa é com mesas em abundâncias, é relevante a quantidade de comida, confeccionada por família completa que com ato de devoção, se juntam a alegria, contos, bebidas típicas e se doam para que a festa aconteça.

O presépio é o figurino central da festa, uma vez que é sentido ele que o cortejo segue, foliões e fieis, para em seguida, girar de casa em casa, filhos que viajam quilômetros para dar continuidade ao ritual e cantar com os pais e assim manter viva a tradição presenciada desde pequeno. Guiados pelos pioneiros mestres e contra mestres que ampara aqueles que estão iniciando como folião, mas também por terem a sabedoria e guardião do respeito aos versos inalterados desde seus antepassados.

A autora ainda discorre que na cidade contam muitos “causos” de credices populares que se transforma em grande repercussão, mantendo assim na memória dos moradores que vão construindo sua identidade, e nestas pequenas manifestações que a memória é reativada dia a dia, seja nos causos, reencontros, devoção, ou seja, a tradição é a junção de modalidades temporal ao qual pode ser restaurado o de ontem, revivido no presente, e estimulado no futuro, tudo isso para manter viva sua identidade.

As tradições religiosas ultrapassam a fé ao profano, e acaba por caracterizar os rituais a imagem e semelhança de cada grupo, comunidade, ou seja, fazem seu próprio “logomarca”, seja ele pelos cantos, versos, danças, fantasias, cada um faz sua identidade de acordo com os “causos” e acontecimentos verdadeiros de seus antepassados., variam de região a região.

1.4- Folias de Reis do município: A Prática Pinheirense a essa Religião (Herança Cultural)

Buscando concepções que fomentasse este trabalho, o município de João Pinheiro-MG, 105 (cento e cinco anos) enriquecerá o mesmo, trás em seus anos de municipalização experiências, fatos históricos que marcaram a pequena cidade, entre elas estão as Folias de Reis, os valores religiosos que tem como objetivo a fé cristã, valores estes que ampliaram o desenvolvimento e identidade desta cultura Folia de Reis e os valores religiosos que a região mantém em seus princípios fundamentais para assegurar o fortalecimento de um povo e seus descendentes.

Por residir neste município à pesquisadora se encontra em seu reduto, tornou fácil o acesso aos conteúdos desta prática, mas para crescimento, houve necessidade de buscar concepções que fortificasse o mesmo, mergulhando no mundo das leituras, foi possível me amparar nos livros publicados por uma historiadora local, Dr^a. Maria Célia da Silva Gonçalves, que residente na cidade a mais de trinta anos, em dois mil e onze, recebeu o título de cidadã honorária, o que muito nos honrou, e através de suas pesquisas etnográficas e história oral, foi capaz de definir o grande padrão de Folias de Reis existentes no interior de Minas, elevou os cuidados minuciosos ao publicar revistas, artigos e livros resgatando esta tradição e aprimorando estes conceitos que para muitos já não se fazia necessário.

Enquanto buscava informações que pudesse fortalecer meus estudos, percebi quantas eram ausentes do meu conhecimento, os rituais que eu participava e vivenciava desde criança, na verdade, estes que formularam minha identidade, trouxe respeito, dignidade e fé, estes na verdade, eram leigos, desprovidos de significados, mas o respeito aos rituais eram imposto pelos pais, educavam mesmo sem o conhecimento aprofundado do assunto.

Neste sentido, me amparo nas palavras de Gonçalves,

Foi feito o ritual de beijar a bandeira, o Alferes ficou na porta segurando-a e todos os foliões depois de beijá-la passavam por baixo. Perguntando pelos significados de seus gestos, o capitão Sebastião explicou: “não sei bem o porquê, eu aprendi assim, quando o capitão era o seu Chico ele já fazia todos os foliões beijarem a bandeira, eu aprendi com ele. Santos Reis exigem muito respeito né?” (GONÇALVES, 2011, p.80).

Então, como foi dito acima, não importa para que e porque são seguidas as tradições, às referências, a fé contida em cada gesto vai além do conhecimento. Ainda neste sentido, ao deparar com histórias contadas pela Dr^a. Maria Célia em seu livro, foi surpreendente conhecer como foi a entrada em campo dessa historiadora para elaborar este livro ao qual estou encantada. Sua introdução foi através do ex presidente da associação dos foliões de João Pinheiro, entidade esta que hoje me fez secretária efetiva.

Em João Pinheiro, essas tradições são respeitadas em parte, os jovens participam em grande número, embora, desconhecem o verdadeiro sentido dos personagens e suas significâncias, interagem neste festejo como em outra festa qualquer, frequentam pela diversão, mas não tem a paciência e curiosidade de conhecer a que se referem os versos, o terço, as flores distribuídas, o canto, a despedida do palhaço. Um dia tive a oportunidade de encontrar uma frase que carrego comigo para todo sempre, embora o autor da mesma eu desconheça, “quantas vezes eu me senti imprópria a seguir essa fé que permeia meu sangue, por não conhecer a palavra em sua essência”, essa frase me reafirmou, pois encontrei pessoas que me disseram que eu não seria capaz de muitas coisas, mas Santos Reis disse que me capacitava, e eu acreditei, e hoje estou aqui, argumentando, superando esse conceito, me fez produtiva, capaz de acreditar e conhecer a fé que me move para este trabalho.

CAPITULO II

2- A REPRESENTAÇÃO DA COMUNIDADE PERANTE ESTA TRADIÇÃO RELIGIOSA

2.1- A Especificação dos Participantes Entrevistados

Iniciando este capítulo que tem como objetivo especificar a função e o papel dos seguidores de Santos Reis, colocando nas mãos destes personagens a desenvoltura deste trabalho, pessoas humildes, com grande presença de fé, que unem sempre que solicitado para aclamar e agradecer a presença constante dos milagres reconhecidos e adquiridos através da fé aos Santos Reis, e estes buscam então, cumprir as promessas firmadas aos Santos. O homem em si, carrega em sua bagagem, representações que adquiriu durante a construção da sua identidade, entre eles, as superstições, as crenças, idealismo, desde criança são motivados a agir conforme os pais acreditam e quando são adultos, dono de sua própria vontade, dificilmente abandonam os hábitos de criança, e assim vão construindo e reconstruindo um histórico familiar, embora sejam incluídos outros membros que por motivos variados unem se a esses costumes, e ainda, reafirmam com postura as concepções que às vezes desconhecem sua origem, formando assim, uma comunidade e essa seus costumes, como afirma Brandão

Em todo o tipo de comunidade humana onde ainda não há uma rigorosa divisão social do trabalho entre classes desiguais, e onde o exercício social do poder ainda não foi centralizado por uma classe como um Estado, existe a educação sem haver a escola e existe a aprendizagem sem haver o ensino especializado e formal, como um tipo de prática social separada das outras. E da vida. (BRANDÃO, 1981, p.32)

Nas palavras do autor, às comunidades tem seus meios de educação, a partir desta educação vão se formando as famílias e seus costumes, que tendem a crescer conforme vão se relacionando com outras pessoas, levando aprendizagem para as novas gerações. Desta maneira, abordaremos como surgiu o terno de Folia de Reis da Fazenda Tapera, e o que acredita os componentes deste grupo, no sentido de crenças, superstições, e a adesão deles a esse grupo.

Como base para esta pesquisa do capítulo, estive em campo a procura de relatos dos participantes para conhecer a verdadeira história deste terno de Folia que á anos faz seguidores e transformam vidas. Diante das entrevistas, percebi o respeito desses fieis aos Três Reis Santos, principalmente quando eram falado nas graças recebidas através de promessas. Reunindo um bom número de seguidores, também de argumentos, foi solicitado a

eles, qual a idade, grau de escolaridade, ocupação dentro deste ritual, como surgiu este terno de Folia e como foram inseridos a ele, se esta tradição trás benefícios a comunidade e de que maneira? Em posse de suas informações, estes estão de total acordo que eu publique tudo que me foi confiado por meio de entrevista, e ainda mais, fizeram questão de estar à disposição para outros esclarecimentos, caso necessário, sendo assim, me organizei da seguinte maneira. Para conhecer melhor estes operários da fé e poder defini-los como merecem neste trabalho, a primeira pergunta das entrevistas buscou o sexo dos entrevistados.



Gráfico 1: Sexo dos entrevistados

Fonte: SOUZA, 2016

O resultado desta busca se dividiu em 79% do sexo masculino, e 21% do sexo feminino, o que não foi novidade, considerando que maior parte dos ternos de folias são compostos por homens, uma vez que se baseiam na visita dos Reis Magos a Jesus, não haviam mulheres, as mulheres no geral são participantes das festas de Reis por serem esposas, filhas, mães de foliões. Assim, confirma PORTO no livro de Gonçalves,

Os Reis Magos não trouxeram consigo suas esposas; se os foliões levassem mulher na folia, estariam deturpando o sentido da representação; também, diz outros, nenhuma mulher visitou o presépio de Jesus; admitir mulher entre os foliões, como participante, seria desviar o sentido da dramatização (PORTO, 1982, *apud* GONÇALVES, 2011, p.150)

Embora, estudos do autor tenha dado ênfase ao tema, nos tempos modernos esta concepção já não se segue com tanto vigor, as mulheres estão subindo na porcentagem de

participação dentro das Folias. Enquanto estudos em campo, foi possível perceber a quantidade de jovens do sexo feminino sendo inseridas dentro dos ternos de folias que antes eram constituídas somente por homens, logo, elas mostram talento em batidas de caixa, alferes e pandeiro. Como foi dito na introdução deste trabalho, a pesquisadora tem toda sua vida participativa neste ritual, mas nunca ouve manifestação de ambas as partes para que fosse uma integrante do grupo de Folia de Reis Fazenda Tapera, mas o interesse surgiu agora com o aprofundamento deste estudo, ou seja, já existe um pré-combinado para que esse desejo se concretize para o próximo giro em final de 2016.

A mistura de idade ou sexo não interfere na caminhada que se segue para servir aos Santos Reis, a ação coletiva dessas pessoas consegue que sejam elaborados todo este festejo natalino, onde os mesmos cumprem regras, seguem comando dos anos anteriores, com algumas pequenas exceções, mas na maior parte da preparação, as tradições são cumpridas, e o respeito pelos rituais geralmente impedem as mudanças. Observem o gráfico abaixo.

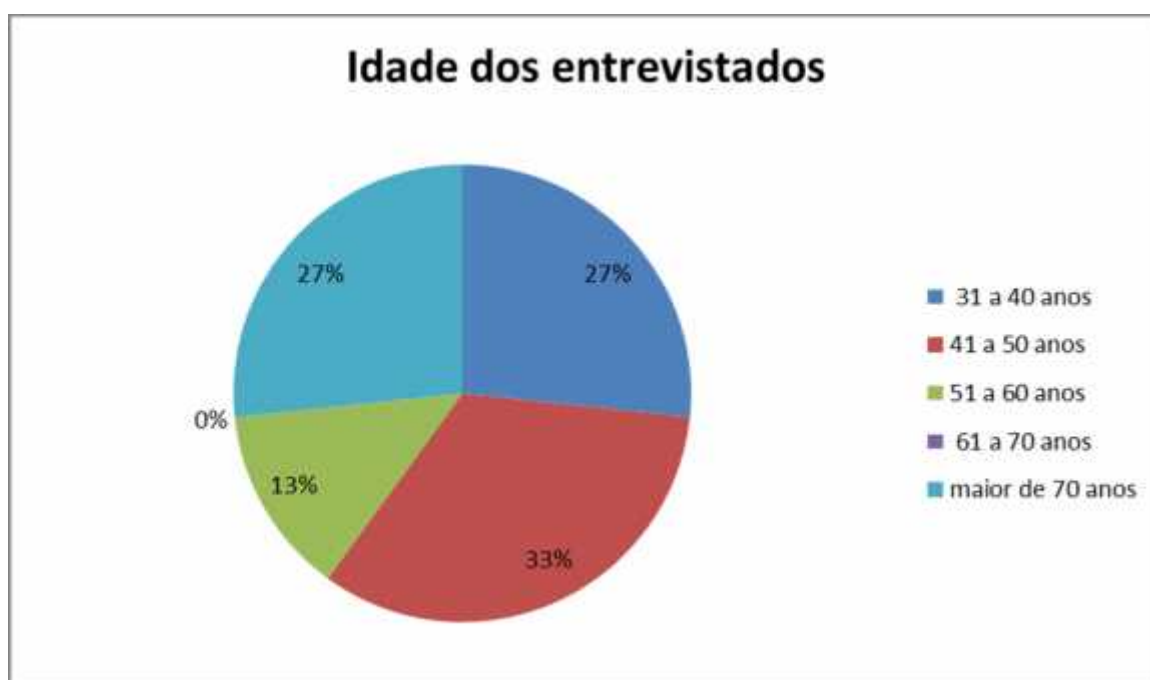


Gráfico 2: Idade dos entrevistados

Fonte: SOUZA, 2016

Os saberes como de costume, são passados por meio da memória dos mais velhos aos jovens, ao que será possível perceber através do gráfico, que a faixa etária praticante neste grupo, varia dos 30 aos 80, ou seja, a idade não impedem a participação, mas, através de um único idoso do grupo muitos da menor idade podem aprender de uma só vez, logo, seria necessário uma matriz, para que seja possível a criação de várias filiais.

A participação dos idosos tanto quanto as outras idades são ativas neste rito religioso, Independente do sexo, raça ou idade, saberes são adquiridos com a prática, “a participação promove e desenvolve as próprias qualidades que lhe são necessárias; quanto mais os indivíduos participam, melhor capacitados eles se tornam para fazê-lo.” (PATEMAN, 1992, p.61).

Os participantes e operários de Santos Reis, em experiência das memórias constroem sua própria concepção de religiosidade ligados a uma única crença, a fé, para isto não é exigido nenhuma formação escolar formal, e sim a união e ação. Vejamos o gráfico abaixo que poucos fiéis possuem o ensino médio e a maior porcentagem não terminou nem a quarta série, hoje chamada quinto ano do Ensino Fundamental.



Gráfico 3 : Escolaridade do entrevistados

Fonte: SOUZA, 2016

No que se refere às Folias de Reis, a formação escolar, não tem significado se não tiver interação, devoção e respeito aos santos, pois tudo é baseado nos conhecimentos de cada um. Qualquer idade e formação tem capacidade de colaborar com a obra, se tiver compromisso e humildade em servir e atender os costumes, esta na verdade, se baseia na cultura dos corações mais humildes, neste sentido, continua o autor BRANDÃO, “assim, tudo o que é importante para a comunidade, e existe como algum *tipo de saber*, existe também como algum *modo de ensinar*. Mesmo onde ainda não criaram a escola, ou nos intervalos dos

lugares onde ela existe, cada tipo de grupo humano cria e desenvolve situações, [...]”(BRANDÃO,1981,p.22).

Em outras palavras, diz o autor que onde ensina aprende, não importa onde esteja, sempre há situações que podem ser aproveitada para um conhecimento e aprendizagem. Por todos os lugares por onde estejamos encontramos dificuldades, ser folião é não é diferente, enquanto alguns moram a poucos quilômetros do local onde acontece a festa de Reis, outros residem na cidade como mostra o gráfico.

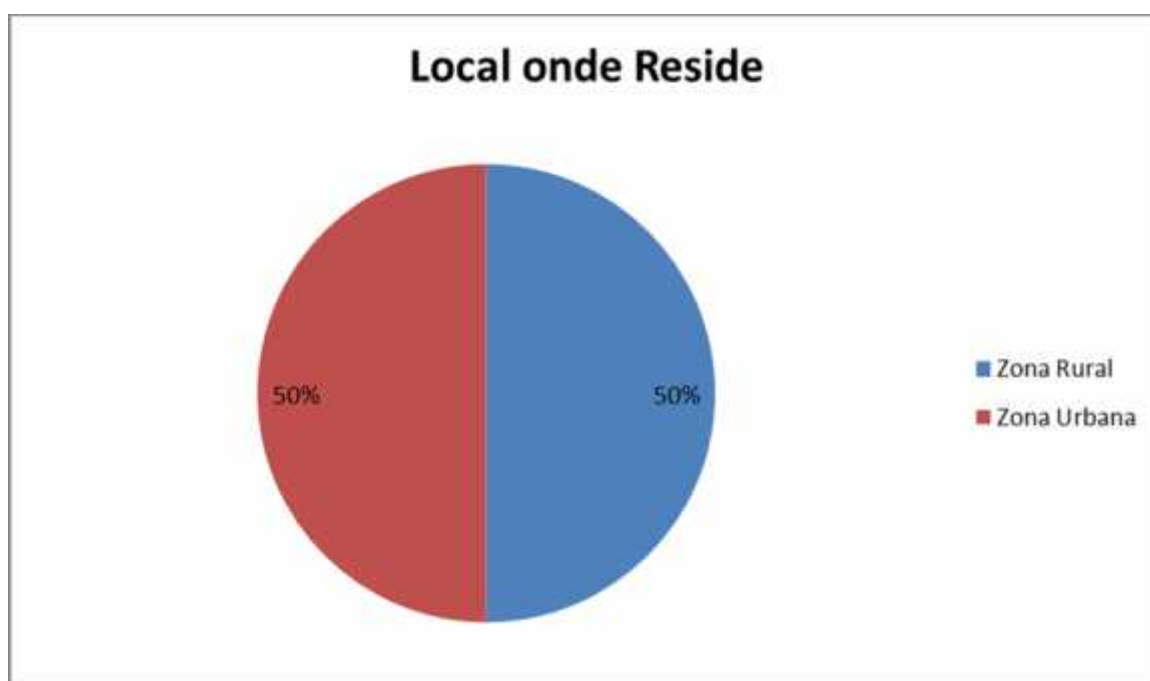


Gráfico 4 : Local onde reside

Fonte: SOUZA, 2016

Estas dificuldades que é morar na cidade, como faz a metade dos entrevistados, não impedem que eles cumpram com sua missão anual que é sair cantando e mostrando sua devoção aos santos. Essa devoção não é forçada, ela é espontânea, saem semeando fé, um desejo que parte de dentro para fora, e vai intensificando a cada participação, não importa a dificuldade, que a vivencia se torna familiar. Os caminhos que essa devoção possibilita erradica todo e qualquer obstáculo que venha cruzar o caminho dos fiéis.

2.2- O Início: As Raízes deste Ritual

A partir daqui, inicia uma história contada, uma descrição detalhada de como iniciou esse festejo comunitário, de como surgiu o terno de Folia da Fazenda Tapera e ainda o

decorrer durante quase 60 anos de fundação, como iniciou e como está nos dias atuais. De início, entrevistei o pioneiro dos foliões, um dos primeiros que aderiu ao grupo e, mesmo não estando entre os componentes da Folia nos últimos anos, o respeito da comunidade a ele continua invicto. Em todos os anos ele faz questão de estar presente, mesmo com dificuldades na saúde, é movido pela fé aos Santos que nunca o desamparou. Ele, conta ainda que, o terno foi fundado no ano de 1957, na época ele tinha vinte anos de idade, foi folião até o ano de 1984, seu nome é Benedito Batista de Souza, hoje, com setenta e nove anos, todos o conhecem pelo apelido de “binidito preto”, ainda se lembra de todas as datas e nomes envolvidos, e nos conta como tudo aconteceu,

O nome da Folia começou com esse nome mesmo, Fazenda Tapera, não tinha folia na época aqui, aí, o capitão Geraldo Gome tinha deixado a folia lá de cima, e tava sentino falta, e o Jovenço chamou pra unir e amontar a folia, aí num tinha fulião, que os fulião ficou lá em cima, no Riacho fundo, porque a fulia era de lá, riacho fundo. O motivo que acabou foi implicação deles uns aos outros. Aí largou lá, mas na época ele ainda queria fuliar, aí Jovenco chamou ele pra ser o capitão, veio como capitão.

Como vimos, no comentário acima pelo Sr. Benedito, a Folia da Fazenda Tapera foi fundada a partir do término de outra, da Fazenda Riacho Fundo, próximo da Vila São Sebastião (Lages), por motivos de desavenças entre os componentes, foram se dissipando até o fim. Aproveitando a oportunidade, o Sr. Jovêncio Luíz Gonzaga, morador da Fazenda Sangue, próximo a Tapera, convidou o Sr. Geraldo Gomes, para então ser o capitão da nova Folia Fazenda Tapera, e aceitou com muito gáudio.

Após o Sr. Jovêncio acreditar que seu sonho fosse realizar, ainda faltavam os outros componentes do terno de folia, continua Sr. Benedito, com os nomes dos integrantes de início, e como foi o primeiro ano

Aí Jovênço chamou tudo, e aí começou, aí juntou, Ricardo Gonçalves que era reposta, Osvaldo Ferreira, João Ferreira, Venâncio Cardoso, zé Cardoso, manel Cardoso, e toem baguaçu era o caixeiro, i eu, que era o quatro voiz, foliei de 57 até 84, aí eu afastei, e todo mundo era daqui, da Fazenda Tapera, não veio nenhum folião do Riacho Fundo, só Geraldo Gome. A primera festa foi na casa do Taviano Ismera, la na Maiadinha, Jovenço fez a saída da fulia aqui, mais a festa foi lá, naquela época tinha gente demais, na saída era igual uma festa de reis de hoje, tinha gente demais, tinha ano que nois fuliava do dia vinte e cinco até dia treis, durmia

uma noite e andava outra noite, a pé, pra parar nessa época, dia dois, três de Janeiro. Nois iniciamo com doze folião, que é o certo é doze, mais só que depois nois já tava cum dizoito, mais hoje não tem uma folia que tem doze não.

A folia foi iniciada com doze integrantes, embora, na sequência esse número tenha crescido. Segundo Sr. Benedito, os mesmos eram moradores das fazendas vizinhas. Foliaram e já tiveram a saída e a festa de Reis no primeiro ano, segundo ele, a festa de Reis foi realizada no distrito de Malhadinha, sendo a saída realizada pelo fundador da folia Sr. Jovêncio. Naquela época era uma multidão de pessoas até mesmo na saída, todos participavam assiduamente. Após a saída o giro era feito do dia 25 de Dezembro até 03 de Janeiro, dormiam uma noite e giravam em outra, a pé.

Ainda em conversa com este folião que tem uma memória apreciável, diz que, durante estes anos de folia, tudo era muito rigoroso, e no ano de mil novecentos e setenta e oito o capitão Geraldo Gomes faleceu, o capitão “didico”, assumiu por um ano, logo após, Francisco Borá, mais conhecido como “chico borá”, em mil novecentos e setenta e nove, como capitão da mesma, afastando do comando ano depois, por motivos de saúde, e passando o cargo para o Sr. Elizeu Pereira Batista, em mil novecentos e noventa e sete, e ainda continua como capitão da Folia até hoje. Em oitenta e quatro Sr. Benedito abandonou a folia, O que mais deixou a pesquisadora comovida foi em saber que o Sr. Benedito, é o único folião que ainda vive, ou seja, todos os outros que iniciaram em cinquenta e sete inclusive o fundador Jovêncio, que faleceu em mil novecentos e noventa e três.

Antes do Sr. Benedito deixar a Folia, ele conta que durante os giros não haviam meios de transportes, nem mesmo animais, como cavalo, bois, não tinham nada, a forma de girar eram muito rigorosa, tinham de ser cumpridas como o capitão ordenasse, assim acontecia

Diapé, diapé, debaixo de muita chuva, num tinha cavalo, diapé, moiano, ficano na bera de corgo cheio isperano baxar, era desse tipo direto. Num podia tomar banho nem trocar de roupa, nois tomou uma vez, e o capitão brigou pra daná cum nois, aquilo ali cê suava, mais tinha de tolerar. Num podia passar os instrumento debaixo da cerca e nem as tuaia, como nois andava diapé, chegava na cerca tirava as tuaia. Num ia e voltava com a folia não, num podia ir e voltar do meio do caminho não, sempre pra direita, que num podia voltar, que dizia eles que andava uma prisiguição atrás, se voltasse, topava briga, Não podia topar uma folia com a outra que dava problema, e nois evitava, e aqui pra toda banda tinha folia, nois ia no Justino ali, e eles iam

tamém, aconteceu de ir e eles ta chegano e nós voltar, e Venâncio Cardoso era bem de idade e ele sempre corrigia isso aí.

Corroborando com o Sr. Benedito, quando relata em sua fala que a Folia da fazenda Tapera chegou de ir à casa do Sr. Justino para apresentar os cantos de Folia, e ao mesmo tempo, eram surpreendidos por outro terno de Folia que ali estavam, sendo eles obrigados a voltar para evitarem que as “superstições” fossem concretizadas. Em conversa informal com o próprio Sr. Justino foi perguntado a ele como foi sua inserção ao terno de Folia Fazenda tapera, uma vez que participava antes da Folia do Espírito Santo, e morava do outro lado do rio, ao casar se mudou de lado do rio, ou seja, estava no lado contrário a folia que pertencia, tinha vontade que cantassem em sua casa a folia da Tapera, mas isso não aconteceu até que, explica o Sr. Justino,

Eu comprei uma viola novinha, fiquei isperano a fulia la em casa, eles ia até a casa de “Martinção”, sua tia “Maria Chata”, e de lá eles voltava e num cabava de chegar aqui, aí a fulia de Zé Caixeta de lá do rio cruzava o rio e veio cantar aqui, aí eu dei a viola pra fulia de Zé Caxeta, no outro ano, a fulia da tapera, foi até Maria Chata de novo e num veio até aqui, aí eu peguei a esmola e mandei levar onde eles tava, aí eles cabaram de chegar , foi lá em casa, e foi indo eu passei a acompanhar eles e eles me chamou pra ser fulião, mas eu fuliei só uns quatro, cinco ano.

De acordo com os entrevistados, as regras existiam, eles tinham que cumprir, os relatos do Sr. Justino veem de encontro à fala do Sr. Benedito que não visitavam a casa do Sr. Justino por medo do encontro das duas folias, enquanto o outro, sem conhecer o verdadeiro motivo, a visão do morador tenha sido distorcida pelas atitudes do terno de folia. Para dar continuidade a este assunto que na época talvez não tenha resolvido, um terceiro entrevistado conclui com um possível motivo de não ter incluído o Sr. Justino dentro da rota do giro da Folia Fazenda Tapera, Elizeu Pereira de Batista fala,

Então, antigamente tinha essa burocracia mesmo, que uma pessoa, por exemplo, eu morava do lado de lá do rio, casei com uma moça do lado de cá do rio, tá entendendo, então eu fiz uma casa do lado de cá do rio, então as folia num ia naquelas casa, lá era desse tipo, tinha as reservas, os setores, podia sair não. Igual, a minha vô morava ali perto do Valdemaro, pouco por baixo de onde tem uns pé de macaúba, pode oiá dentro do pasto tem uns pé de macaúba, ela morava ali, então eles ia ali, e num ia vinha cá no Justino, porque o Justino tinha

casado com uma moça de cá do rio, então, porque a dona “bastiana” era do lá de cá do rio, casou e morava lá aonde o “laore” mora, então, como a moça era do lado de cá do rio, eles numa ia na casa deles, tinha essa burocracia, então a fulia de cá, ia lá no Justino e num ia no Valdemaro.

Pelo que vimos acima, os componentes e comandantes das folias de Reis, mantinham (ou mantêm), uma certa resistência em Misturar folias e comunidade, talvez seja um padrão de respeito, mas pelo que contou esses fiéis, de várias maneiras essa mistura era impedida de acontecer. Ainda durante a participação do Sr. Benedito a este terno de Folia, foi possível conhecer em suas histórias, as dificuldades existentes para a realização da festa, não haviam muitas doações, e as pessoas que tinham melhores condições negavam ajuda, afirma ele,

Antigamente não tinha contribuição de ajuda não, inclusive agente passava muito aperto, como eu mesmo passei, meu pai passou, a prioridade que existia numa festa pra nois na época, era vaca, o povo o povo disse que tinha, e os que tinha, não vendia as vezes fiado pra gente, aconteceu com nois dois, num tinha ajuda, tinha ajuda assim, de esmola, de mantimentos, um frango tinha, agora hoje não, hoje ninguém num faz conta de vaca, qualquer um dá, num tá nem aí, na época era difícil. Hoje ajuda, hoje todo mundo ajuda, até quem num é da comunidade de dentro, que é mais de fora, ajuda, contribui.

Além das dificuldades, desabafa o Sr. Benedito, nem sempre eram bem recebidos pelos moradores enquanto giravam, segundo ele ouvia reclamações e conversas “travessadas” para servir para eles desta forma,

Ah! Isso aí, até hoje é assim, muitos recebiam de braços abertos, e agora muitos cê via que não. Quando nois chego na casa de “fulano”, um dia ele falou: ixi, mundo vei de home andano atoa e eu apertado de serviço. Cê via que..... Falou com nois.

Estas dificuldades foram sendo superadas, as festas que eram bonito olhar, nos arredores da casa da festa, sempre lotado de muitos cavalos, eram arreados com arreios bonitos, forrados com “cachonilo” de confecção artesanal, as pessoas que não iam a pé, usavam as carroças e seus carros de bois, ou então, na maioria das vezes, quando a família era pequena, utilizavam os animais, nos dias de hoje, já são muito pequeno os números de animais amarrados nas cercas dos currais, foram substituídos por centenas de carros. As pessoas que tinha alguma função na festa, como as cozinheiras, foliões, serventes, floristas,

fogueteiros, rezadores de terço, na maioria das vezes, chegavam a festa uma semana antes, para ajudar nos preparos. Ali, a cada vez que apontavam pessoas a caminho da festa, foguetes eram soltados para anunciar a chegada.

Tudo era feito com muita devoção, sem abusos, eram servidos vinho durante a semana, a alegria era a capa da festa. Mas, tudo isso foi se dissipando, os foliões foram substituindo uns aos outros, muitos deles faleceram, a zona rural estava sendo trocada pela cidade, a festa que antes era uma das maiores da comunidade, foi sofrendo alterações, as pessoas da comunidade que tinham mudado para a cidade, encontrava dificuldades para regressar na data da festa, eram estradas de chão, mal cuidadas, sempre na época chovia muito, as estradas alagavam, nem todos tinham condições de carro próprio, sua única condição da cidade até a fazenda era o ônibus circular, que não tinha boas condições de uso, trazendo muita canseira a quem utilizava.

2.3- A Fé Repassada por Gerações

Durante toda esta pesquisa, muitas perguntas foram feitas a estes entrevistados, inclusive, quando, função, e qual foi o motivo da inclusão deles a Folia de Santos Reis. Algumas respostas foram em comum acordo, outras já traçou caminhos diferentes, inclusive, algumas já foram respondidas durante o corpo do texto, vejamos,

Com doze anos, eu via meu pai cantar, meu avô cantar, eu fui invocando com aquilo, meu tio cantar, e fui invocando com aquilo, meu tio era capitão da folia, era primeiro capitão daquela fulia lá, meu pai cantava quinta voz, cantei na sexta voz, cantava na sexta voz, o último lá, depois foi mudano, mudano, cantano resposta, mudano de lugar até chegar a ser capitão. (Elizeu pereira Batista: Capitão)1

Desde menino, desde criança, ouvino fulia, eu criança lá em Olhos D'Água, acompanha afulia do Filipe, não era fulião mas acompanhava desde minino, acompanhava de manhã, de dia, tarde e noite, de dia saia pras roça com eles, passava a noite toda com eles, giro de fulia inteiro. Na verdade, papai era fulião, hoje é fulião, mas na época que eu era criança e que eu seguia, ele não fuliou, ele não fuliava, ele até veio fuliar agora já, bem depois, que eu já tinha ingressado na folia, foi que ele voltou a fuliar de novo. Aí, mas foi mesmo chamado de Deus mesmo, chamado de Santos reis mesmo, gostar e pronto. (Mailton Oliveira Santos: Capitão regente)2

Herança do meu avô, meu avó era capitão de fulia, assim que eu dei de entender por gente, minha vontade era fuliar mesmo, tá com quarenta e dois anos que eu tô na fulia. Simplesmente eu entrei na fulia né, comecei assim sem as vezes até nem saber bem direitinho o que que era fulia, na verdade eu entrei muito novo, eu entrei na fulia eu tava cum quatorze ano, quinze ano por aí que eu tava. (Adão Soares Silva: Caixeiro)3

Comecei no ano de noventa e dois, quando tinha dezessete anos, o que me incentivou a participar da fulia foi o nosso gesto de fé, a devoção aos três reis santos, cada um tem um santo da sua devoção, e agente, claro que agente respeita todos os santos, mais tem os três reis santos o nosso santo da nossa devoção, o nosso santo que é a nossa tradição religiosa aqui da tapera né, e do município de João Pinheiro inteiro né, é um dos santos mais falado aí, e agente quer dar continuidade a essa devoção aí. E por incentivo de outros foliões, são várias as função: sanfoneiro, capitão, 1º voz, 2º voz e outros. (Folião: Célio Ferreira de Souza: Sanfoneiro)4

Primeira vez que eu participei, foi porque eu tinha um problema na perna, meu pai fez uma promessa, deu andar na folia, carregano um instrumento, qualquer instrumento de fulia, dia todo, de a pé, aí eu andei, graças a Deus valeu, eu nunca mais senti, depois disso pra cá eu continuei sendo fulião. Eu já fui quase de tudo na fulia, mas hoje eu sou terceira voz, mas só tem uma voz que não faço na fulia, o resto tudo eu faço, só a cinco. (Silvano Alves da Silva: 3º voz:)5

Quando eu entrei na folia de reis, assim que eu casei, com meu marido que é fulião né, sempre eu incentivano ele na fulia, porque, eu acho que é o que esposa de um fulião tem de tá sempre fazendo, porque é uma grande obra de tá evangelizando as pessoas .Porque, desde o nascimento do menino Deus, naquela casinha de palha numa mangedora, que tem as tradições de tá sempre levando o nome de Jesus, do três reis, da família de Nazare, de são José e Maria. Então é uma tradição muito importante, que agente tem de tá sempre incentivando as pessoas, e principalmente agente que é esposa, tem que tá assim ao lado né, porque não é fácil, eles enfrentar chuva, sol, pra tá levando essa evangelização pra cada um, então é isso aí que eu acho que me incentivo mais, foi à tradição religiosa. (participante: Vicentina de Fátima Quintino: Cozinheira e Florista)6

Sou filha de capitão de Folia de Reis, e por coincidência ou ironia do destino, esposa de folião (Edneia Tolentino dos Santos: Cozinheira)7

Concluindo esta questão aberta nº 1, sem dúvida dois motivos que levaram os entrevistados a integrar pela primeira vez neste ritual religioso, Folia de reis. Um dos motivos foi por incentivo da família ou amigos, que enquanto participante, também incentivava outras pessoas com suas atitudes, e o outro foi a fé religiosa, a fé aos Santos de devoção, o respeito

por estes protetores milagrosos, a vontade por ser um seguidor de Santos Reis. Corroborando com (BRANDÃO-Carlos 1981), que diz, onde há crianças, sempre existe possibilidades e capacidade para estar acompanhando e experimentando tudo que seus pais têm a ensinar, seja ele qual for o ensinamento, e eles não precisam de muita inspiração para buscar por eles mesmo. Mas ainda, em sintonia com este parágrafo, trago Lourenço que apoia

Todos nós como seres humanos e, conseqüentemente, agentes de cultura, trazemos histórias e saberes que não foram à escola e nem a mídia que nos ensinaram. Mas, cada um que convive conosco contribui para a formação deste conhecimento que cria e alimenta nossa identidade. (LOURENÇO, 2014,p.32).

Em consonância com Lourenço que expressa seu ponto de vista centrado na aprendizagem informal, sendo ele agente transformador, e a partir da convivência com outros indivíduos sempre há possibilidades de adquirir novos conceitos firmando então, aqueles que possibilitam uma formação pessoal através da prática ou convivência. Assim,

Os adultos, em uma sociedade, com sua conduta já definida, representam o modelo com o qual as crianças vão identificar-se e cujo o comportamento vão imitar. Conformam-se ao que a sociedade define como melhor para preenchimento das necessidades pessoais e culturais e para sua melhor adaptação.(LOURENÇO, 2014 apud MARCONI; PRESOTTO,1986,p.196)

Portanto, as culturas são mantidas, e as memórias construídas através dos espaços de convivência, nos setores humanos relacionados. Os conteúdos adquiridos através dos costumes com seu povo, vão ficando amplo, e as manifestações de saberes vão sendo criadas, e transferidas para todos aqueles que buscam conhecer e elevar este nível de saber.

Do mesmo modo, a 2º pergunta aberta vem descobrir de que maneira os jovens adquirem a vontade de ser seguidor de Santos Reis e como essa educação contribui para a formação de valores e fortalecimento da tradição?

Trouxe muita educação sim para os jove, porque se num tivesse tinha cabado, se num tivesse assim tinha cabado mesmo, se ninguém num

influenciasse naquele assunto ia acabano os veio, cabava, então teve educação, e nunca vai cabar, cridito que não, e sempre vai influenciando alguns e tomano atitude. Cê falano em esse treim de pessoa incentivar, cê pode tirar por ocê mesmo, eu te perguntei muitas vezes quem é que pegou a coroa, porque eu fiquei uns anos sem vim, cê falou eu num sei, vim na festa pra dançar, presto atenção em nada disso não. Cê falou muitas vezes isso, hoje cê tá pro dentro, porque ocê incentivou naquele assunto, cuntribuiu com sua educação.(Benedito Batista de Souza: folião, de quando iniciou)

1

Trás ensinamentos não só pelas as crianças, mas também pelas as outras pessoas também, que lá era meio bagunçado, cê sabe que era, aí agente entrou lá, através de conversa, com o pessoal tudo, mudou demais, que hoje cê chega na casa parece que todo mundo é irmão, que antigamente era igual cachorro cum gato, agora todo mundo é irmão graças a Deus. E através da vocação, aquelas pessoas que por exemplo, o pai, o avô, o parente já é fulião, então eles já vem com aquela vocação, parece que de sangue né, então já vem de sangue, aí já vai passano pras crianças, vai passano pras outras crianças, e já vem seguino, é muito importante as crianças nas fulias.(Elizeu Pereira Batista: Capitão)2

Tem muito jovem que vem para divertir, mais quando chega e vê os canto da fulia, acaba atraino eles e eles fica prestano atenção, fica muito ali, acaba gostano e já se oferece e já não quer perder mais, já não vem por conta de diversão, mais vem também pra devoção. Não só jovem não, mas muitas pessoas que vem e as vezes até pra divertir na festa, porque tem muita diversão, acaba, vê os canto da fulia, tem admiração por eles, e acaba sedendo, e se coloca a disposição de querer ajudar, aí acaba se apaixonando pela festa e se dispõe. Temos muito jovens hoje na fulia, quem ouvi a fulia de Reis gosta e acaba sendo seguidor da fulia. (Célio Ferreira de Souza: Sanfoneiro)3

Educação trouxe sim uai, e muita, com certeza que trouxe, porque né, agente morava lá nas roças lá, num conhecia quais nada, através da fulia que foi pegano religião, intendeno o que que era religião, essas coisas, sendo que esse santo é um santo muito milagroso. (Adão Soares Silva: Caixeiro) 4

Eu acho que sim, 30% servia de educação, porque ali, nois tava talvez brincano, tomano uma pitiula de trás da moita, as veis jogano bola, quando falava que ia rezar, ia orar, a mãe da gente ali chamava agente largava aquilo ali tudo e ia rezar, ou se não, entre aspas, se agente não fosse rezar, agente ficava ali de fora fora ouvino ali, aquelas oração, então eu acho que é um ato de obediência, de educação, porque nos dias de hoje, na cultura de hoje, ninguém num respeita nada, ninguém num tá nem aí por nada.se falar alguma

coisa, a mãe ou pai, meu fio larga isso aí vem aqui orar, rá, é muito difícil alguém obedecer, naquela época não, agente obedecia ou então entrava na “peia” e também no dia 24 da saída de fulia daquela tradição de num comer carne, a mãe falava pra gente num comer, agente obidicia, porque? Porque se não obidicia entrava na “peia” então era um ato que agente tava se obedeceno a palavra da mãe da gente, dos mais velho, então é ato de educação. (Solano Ferreira de Souza: ex fiel) 5

A folia da fazenda tapera para mim foi onde eu cresci vendo e participando das festas onde eu adquirir minha vocação por folias. O que me levou foi acreditar e ter fé nos treis reis, adquirido pelo os meus pais avós, esse ritual é uma linda formação religiosa, pois você gosta de folias, você está envolvido com a igreja e resgata muitas orações do passado, aí muitas crianças escolhe o caminho católico por causa de folia que aprende a gostar com os pais. (Gezo Silviomar Gomes Tavares: Fiel)6

Buscando elucidar o crescente interesse desses jovens, como foi dito nos testemunho acima, as crianças seguiam as tradições muitas das vezes por convivência, educação que os pais ensinavam, por estar ali, sempre levando em todos os eventos realizados pelas folias, e assim, adquiriram um vínculo, permeava em cada um como se fosse na corrente sanguínea, iam passando de geração a geração, faziam o plantio de sementes, onde quem passasse ali depois de algum tempo ainda podiam apreciar tudo que eles criaram. Assim, ensinaram seus filhos a amar tudo que eles um dia deixariam de exercer. Seus filhos, viam os pais e avôs participarem, mas que também mesmo não conhecendo na real o que significava tudo aquilo faziam por obediência aos pais e por vontade de ser um servidor dos santos, pois nossa vivência é tão intensa que se torna familiar, tradição, identidade.

Nesse sentido Silva acrescenta

[...]toda memória se estrutura em identidades de grupo: recordamos a nossa infância como membros e a partir de experiências numa vida em família, o nosso bairro como vizinhos em uma dada comunidade, a nossa vida profissional em torno de relações estabelecidas no escritório, na fábrica ou no sindicato. (SILVA, 2008, p.86).

Pensando assim, todas as pessoas são inteligentes, e quanto mais eu dedico, mais eu aprendo. Silva, afirma que somos formados através do espaço que nos rodeia, seja ele do trabalho, lazer ou familiar.

2.4- Momentos do Ritual que Propagaram A Festa De Santos Reis

Durante todos estes anos de realização desta Festa de Reis, muitos foram os fatores que deixaram saudades, sejam eles bons ou ruins, nenhum deixou de ser memória, o clarear a luz de lampiões e lamparinas a querosene, ou óleo queimado, hoje substituídos pelo sistema de luz para todos, o forró pela madrugada feito apenas por instrumentos usados na folia, como sanfona, violão, caixa e pandeiro, regados por pequenas doses de pinga que sustentavam a garganta de quem arriscavam cantar uns versos, das fogueiras que aqueciam as noites durante toda a madrugada, das despedidas mais esperada do ano, onde cada um dos participantes reservavam seu lugar em destaque para assistir o palhaço “Boneco” se despedir dos festeiros e foliões, não havia emoção maior, as lágrimas corriam, as lembranças dos familiares e foliões falecidos era forte, o “boneco” era cercado por uma roda de pessoas, ali os festeiros e foliões ficavam em lugares que ele tinha acesso, se despedia pegando na mão de cada um a sua volta, balançando o corpo e assim cantava,

Adeuso meu irmão, até o ano que vem, adeuso meu irmão, até o ano que vem, se Deus não mandar o contrário, nossa Senhora também, se Deus não mandar o contrário, nossa Senhora também.

Assim, ele prosseguia até despedir de cada colaborador a esta festa, hoje, não temos este sentimento tão puro, pois os palhaços brincam, fazem as palhaçadas, trocam a emoção pelos risos. A falta se dá até mesmo dos temido “valentões” causadores de confusões sempre que uma moça usava o direito de dizer não a uma dança, este “não”, era soado como abuso durante estas festas de fazenda, assim conta a Sr^a Angelina Fagundes dos Santos, a anfitriã mais antiga deste festar e também dona da casa onde são realizadas as festas anuais,

Dava franga aquela moça assim, que era soldave, moça simples, que prestava atenção todo mundo, então ali vinha um malarranjado, ou veio, elas num ia dançar cum eles, chamava “franga”, e aí aquelas pessoas ficava nervosa, arrastava revolver, rastava garrucha pra atirar nas moças, cortava o vestido das moças. Um dia, Joãozinho de Isteve, é porque eu cumecei dançar cum rapaize, que num sabia dançar, aí nois tava isperano o toque firmar, e ele disse que tinha me chamado, e num tinha chamado, e foi e falou que eu tinha dado nele uma franga, aí ele rastou um revolver pro outro rapaize.

Além desses tipos de confusões, também ouvi causos de um outro conflito nos primeiros anos de deste festar, pessoas que segundo os guardiões ficavam “possuídos” por algo de outro mundo, veja

Pelo ao menos uma vez aconteceu, aconteceu que eu pelo ao menos quando vi aquilo, eu peguei minha mochilinha e casquei fora, fui embora, o capitão tava, sei lá sô, ele tava dopado, isquisito, inton, um fulião, revoltou quele, quiria bater nele, foi e pegou a viola, quebrou tudo, viola novinha, só que ele num tava veno nada daquilo.(Benedito Batista de Souza)

Há alguns anos que essa roupagem foi excluída das datas festivas de Santos Reis, pessoas que faziam questão de ir para ser desagradáveis, pessoas que cresciam nos outros por ser da família dos foliões ou dos festeiros e queriam cortar fila, ter privilégios que na verdade não era direito, como eu ouvia dizer, “faziam fiura diversas veiz” gostavam de ser vistos como de fato eram chamados, o apelido de “bigode de ouro”, que na verdade, este termo era também muito usado para os poderosos em geral do local, tanto no sentido de respeito como os que criavam muita confusão, quer dizer, todos temiam, e aproveitavam da situação para menosprezar os humildes e abusar da autoridade que não tinham.

Enfim, os organizadores e foliões eram rigorosos para cumprir com as tradições, regras, mas haviam situações assim, ou parecidas que deixavam todos a “saia justa”, que para evitar maiores embaraço, sempre haviam aqueles que com diálogo e paciência acalentavam tudo. Aquelas pessoas que também existiam na fazenda, muito respeitado, um idoso, ou uma pessoa muito séria, que era sistemático nas ações e não precisava repetir o que falava. Estes se entrasse para acalentar uma confusão era poucas palavras o assunto resumia, e ali, o sanfoneiro voltava a tocar e a festa continuava.

Comportamentos assim, talvez tenha trago à desmoralização deste festar, fazendo com que os grupos diferente tenham resistência em participar, por medo de violência, ocorrências constantes durante vários anos. Logo, este festar por vezes esteve à beira do abismo, ao final dos tempos, as pessoas foram se afastando, as saídas já eram feitas somente pelos foliões, apenas jantavam e já não haviam pessoas suficiente para formar pares de dança, alguns preferiam voltar para casa e retornar no outro dia para início do giro, outros dormia na casa da saída mesmo.

Durante anos foi assim, a festa não tinha mais nome, era pequena diante de tantas outras que haviam próxima da cidade e com muito mais entusiasmo. Eram muito divertida, perto, sem brigas, sem atoleiro. Muitos eram o obstáculos que impediam as pessoas de

participar, por vezes alguns dos foliões segurou a coroa para o ano seguinte para não ver aquela que foi toda sua vida acabar, Adão Soares da Silva conta,

Inclusive eu já peguei ela duas veiz pra num acabar, ia acabar naquele dia, aí eu peguei pra não acabar, vai cabar não.

Estes relatos ao mesmo tempo que entristece, renova também, uma das maiores manifestações religiosas do local deixadas pelos ancestrais devem continuar sendo realizada, para manter viva a memória da comunidade de alguma maneira. Assim, durante a vida adulta eu ouvia comentários nesse sentido, era doloroso para quem tinha como referência de toda sua infância aquela festa. Mas Santos Reis tinha força naquela região, era grande o número de fieis que tinham ele como pilar em suas vidas. Assim permaneceu por alguns anos a tradição, parada, quase encerrada, mas nunca ouve um ano que os foliões não cantassem e fizesse cumprir devoção dos anos atrás.

Mas à fé aos santos era maior, os foliões e suas famílias viraram guerreiros ao sustentar esta festa independente de quantos participasse. As promessas de fazer festa de Santos Reis em troca de graça recebida nunca deixou de existir, mas as pessoas preferiam fazer em locais de fácil acesso e com maior glamour, maior fluxo de pessoas, foi aí que surgiu uma alternativa vinda dos seguidores em trocar a data da realização da festa, uma vez que no dia 05 de Janeiro haviam muitas outras aos arredores da cidade com maior acessibilidade, com maior número de pessoas e, assim acordado entre os organizadores e foliões a data foi alterada e este festar passou a ser realizado sempre um final de semana após o dia de reis.

No primeiro ano surpreendeu a todos com o número de pessoas, chegando até à ser “motivo de preocupação” para todos, ou seja, a participação foi além do esperado e não haviam preparado comida o suficiente, então, mais uma vez os milagres de Santos Reis se fez presente, as pessoas continuavam chegando, a todo instante haviam filas de carros apontando no alto da fazenda, os foliões, festeiros um tanto assustados, preocupados, receberam algumas críticas dos próprios organizadores quanto a mudança de data, mas o jantar foi servido, as tradições como de costume foram seguidas, e Santos Reis foi abençoando e multiplicando aquela ceia que era servida pelos serventes fieis que usavam a toalha bordada no pescoço com as iniciais dos Santos em ato de devoção. Graças aos Santos a comida ficou a noite toda em cima da mesa, não tinha de tudo que foi preparado, mas arroz e pelotas não faltou nesta mesa durante toda a noite.

Situações assim, que serviram de inspiração para a próxima pergunta, os milagres contados e testemunhados por operários dos santos, relatos de fé. Por todos os lugares que frequentei durante esta pesquisa de campo e também minha infância, rumores de “castigo e milagres” de Santos Reis foram falados, baseado nesta discursão (BRANDÃO.1981) sustenta “aos católicos rebeldes aos Reis pesam ameaças de castigos às vezes severos”. Castigo já ouvi muitos contarem, mas prefiro não detalhar por menores, uma vez que os Santos são dignos de respeito, e se os procuram em momentos de desesperos ou mesmo por abuso acredita-se que a resposta vem de encontro ao seu comportamento com os mesmos, assim, nas palavras de (BRANDÃO. 1981) “As promessas são feitas dentro de uma relação pessoal entre o devoto e o santo, às vezes em um solitário momento de desespero”. Por esta razão, aproveito para a pergunta de nº 3 aberta aos entrevistados, Se já receberam graças advindas de promessas aos santos e se as mesmas já foram cumpridas e concedidas por eles, e todos fizeram questão de anunciar as graças recebidas, e compartilharam de seus sentimentos do saber, por receber uma graça,

Entre saídas de fulias e festas eu fiz oito, Teve duas festas que foi promessa que fiz, todas elas agente recebi a graça, as outras, é mesmo porque agente gosta, agente tem fé e agente gosta. (Benedito Batista de Souza: ex folião) 1

Graças eu já recebi foi muito, quase direto eu recebo graça, não só por mim, mas por toda pessoa que eu peço a Santos reis, todo mundo é valido, graças a Deus. Já fiz festa, já foi concluída graças a Deus, primeira festa que eu fiz foi pra pagar promessa do meu sogro que eu nem conheci, que ele morreu devendo uma promessa, então os fio dele não quis fazer a festa, foi quando eu casei, ele vivia tormentano a família dele, aí eu fiz promessa a Santos Reis, se eu fizesse a festa ele largasse a família dele, ele nunca mais pertubar, participar, ele ficava desceno, era só juntar eles tudo, ele descia, ficava brigano cum todo mundo. Daí pra cá depois da promessa nunca mais graças a Deus. A outra promessa que eu fiz foi pro meu fio formar sem nois ficar deveno ninguém, graças a Deus foi formado e eu fiz a saída, graças a Deus foi formado, trabaia hoje e nois num deve uma prata. Só comigo e com meus filho, com a família, num foi comigo, eu pedi pelos os outros e fui valido. Eu pedi pra uma outra dona que tava doente, até é a Belcholina de João Preto, aí nois cumpriu a promessa lá na casa do Valdeci, esses tempos o Valdeci me ligou contano que ela ia fazer uma cirurgia do útero, tinha dado câncer, eu pedi pra ela, ela fez o almoço, foi valido, foi fazer exame não deu nada, pra você ver, isso é

uma graça que agente recebi né? Então eu agradeço demais aos Santos Reis, que tudo que eu peço eu sou valido, não só por mim, mas por todos que eu peço sou valido graças a Deus. (Elizeu Pereira Batista: Capitão) 2

Já recebi muitos milagres, inclusive eu fiz a festa três a quatro ano, promessa que eu fui valido e tudo eu fiz. Santos Reis é milagroso e não tenho dúvida, protege agente muito, pessoa teno fé ele é valido. (Adão Soares da Silva: Caixeiro)3

Já fiz promessa de fazer festa de reis, fiz né, quando eu fiz a cirurgia eles fizeram a promessa né, foi belezinha, senti nada, e graças a Deus tô bão até hoje. (Justino Luíz Nogueira: ex folião)4

Graças? E como recebi, por isso enquanto tiver vida quero dar o meu suor para os treis reis, e o que tem a oferecer. Tive no fundo do posso com depressão, pedi a eles que me desse forças para seguir em frente e só achei graças.(Gezo Silviamar Gomes Tavares: fiel)5

Uma graça não, várias, todos os dias eu recebo, ontem mesmo eu recebi. Eu tinha que cortar minha perna, hoje eu era pra ter só uma perna só, graças a Santos Reis eu tenho as duas boa. Sempre recebo graças de Santos Reis. O meu fio quando era novinho, passou de 40º graus de febre e desmaiou, pedi a Santos Reis que se ele voltasse, eu ia fazer uma saída de fulia, graças a Deus voltou e nós fizemo.(Silvano Alves da Silva: 3º voz)6

Como vimos acima, as graças recebidas foram muitas, os santos não desamparam a quem neles depositam a cordial fé, aquela que direciona, que afirma, que sustenta. Guardiões dos costumes de Santos Reis marcados por décadas de vivências e fidelidade, indicam que eles são parte de um determinado contexto ligado a religiosidade e que os mesmos, juntos, possuem uma identidade coletiva que preservam e acreditam.

As promessas realizadas e concebidas pelos Santos, acredito que possam ser chamadas de aliança entre ambos, uma espécie de pacto do bem, onde muitos são agraciados e assim, credita todo seu empenho em manter esse vínculo, através de doações materiais, físico e espiritual, tornando o Santo ainda mais forte dentro da comunidade. Criados e educados em uma comunidade onde possui regras, crenças, superstições, saberes que são construídos e memorizados acima de tudo. Por respeito aos santos, aos patriarcas da família, educação informal vai acontecendo, os costumes proliferando e levados adiante.

Ante o exposto acima, trago (BRANDÃO.1981) para seu ponto de vista, “ [...]a educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações, especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força”. Para o autor, a educação envolve uma série de fatores que garantem a identidade de uma sociedade, entre eles, o envolvimento e interação das pessoas uns aos outros para fortificar essa construção, seja eles como crenças ou gestos simbólicos, ideologias dos saberes.

Durante todo este processo de construção desta mesma comunidade, tiveram como subsidio as festas e costumes que foram chegando e se permeando aos poucos, a folia de reis era a majestosa, por permitir maior número de famílias reunidas, e não desmerecendo as comemorações aos outros santos que também se faziam exuberantes em suas respectivas datas, mas a festa de Santos Reis, se fazia maior, talvez pelo fato de iniciar na véspera de natal, envolve duas datas e a espera pelos guardiões em suas casas, nascimento de Cristo, onde geralmente os chefes de família tanto quanto as crianças recebem férias, podem ser participativos toda a família, mesmo morando no meio urbano.

Essa construção, marcada por crenças e milagres de Santos Reis, graças recebidas, como já vimos nos episódios anteriores. Muitos não consegue ver a diferença entre um milagre e uma graça recebida, mas tenho convicções que ambas são de definições diferente. Pois a graça recebida vem através de uma promessa que o homem oferece o que podemos dizer, um “sacrifício”, algo que ele acredita ser capaz de fazer, mesmo que as vezes seja abdicar de algo que goste muito, para em troca conseguir algo que se tornou limitado a ele resolver, na maioria das vezes problemas de saúde delicado. Embora, se essas forem concedidas pelos santos também possam ser chamado milagres, mas em outras concepções os milagres podem ser definidos sem promessa imediata, são resultados instantâneos que presenciados por muitos, e acreditado por poucos, apenas para quem tem a fé dentro de si. Aqui inicia outras afirmações de fé aos milagres de Santos Reis.

A pesquisadora durante o período etnográfico e na sua 4ª pergunta aberta, perguntou aos entrevistados se já presenciaram algum milagre de Santos Reis e para que contasse a respeito.

Aqui, na folia de São Felipe, um milagre, que um num gostava do outro, não podia ir na casa dele, ele num quiria ir, e o capitão fez ele ir. Ele panhou uma espingarda e puxou várias vezes, não saiu nada, foi lá por riba da bandeira,

puxou e num saiu nada, e foi e o outro agiu e deu nada, só porque aí ele convenceu, ele pediu perdão, e ele deu mão de amigo e depois daí cabou. Aconteceu outro intrevisto também, eles tava rezano o terço, os fulião, fulano chegou, pegou um foguete, soltou, tava bêbado, alcoolizado, fazeno os fio de menor beber, pegou um fuguete soltou lá, as bomba ficou no meio deles lá, e num estourou, ficou lá, eu cheguei vi elas lá, que na hora eu num tava, cheguei vi elas lá, não estourou, só pode ser milagre de Santos Reis. (Benedito Batista de Souza: fiel)¹

Olha um dos milagres de Santos Reis, em uma festa de Santos Reis, que presenciei, foi o seguinte: o pessoal em oração com a tradição, depois da chegada da festa, começaram a rezar o terço de Santos Reis, então, um moço embriagado, queria um tira gosto na cozinha, e as cozinheiras falou que ainda não tinha, então ele não gostou, porque em uma festa de reis, o que mais tem é comida, tudo, é muita fartura com a graça de Santos Reis, então, ele embriagado, nervoso, pegou dois foguetes, dois fogos, daqueles rojão mais grosso, e foi pra sala, lá onde tava todos em oração, quando ele apontou e riscou o esqueiro, ele apontou no lado do altar, para que estourasse aquela bomba dos foguetes nos foliões e no altar, para que parassem de rezar, ele riscou o esqueiro, os foliões continuaram a rezar, e ele virado com aquele rojão, o rojão pegou fogo e não estourou, a bomba ficou dentro do rojão, ele jogou aquele rojão no chão, o fogo apagou e não estourou, ele pegou o outro, fez a mesma tentativa e nada do rojão estourar, ou seja, um grande milagre naquela hora estava acontecendo, porque dois rojão falhar assim, sendo que todos os outros que foram estourados durante o terço, todos estouraram, mais esses dois que ele tentou. E eles continuaram em orações, os fuliões juntos com aquelas pessoas ali ao lado, aí eles guardaram a caixa de fogos para que aquele moço não voltasse lá, novamente e pegasse, mas eu acredito que naquele momento foi um ato de grandeza, e de divindade de Santos Reis, foi uma graça presenciada. (Vicentina de Fátima Quintino: cozinheira e florista)

2

Quando Sidneys operou, chorano pra ir pra Patos fazer uma ligação, chegou em Patos na rodoviara, ele deu vontade de ir no banheiro, que ele obrava pela sonda né, deu vontade de ir, a tripa escapuliu e ligou sozinha, sem operar. Sidneys era capitão de fulia, indo pra Patos pra operar deu vontade de ir no banheiro dentro da rodoviara, ir no banheiro, fazer cocô, foi e obrou, chorava coitado, foi no dotor e ele disse: quem é que ligou essa tripa? Milagre de Deus, cê pode ir embora, já tá ligada, ele contava, aí cê chorava viu, fé e milagre dos três reis santos. Santos Reis é muito milagroso, muito milagroso. (Severiano Pacheco : Ex folião)³

Os casos são de grandes constatações de presença milagrosa na vida dessas pessoas, dois entrevistados assumiram a afirmação de um mesmo milagre ocorrido durante uma festa, os guardiões da fé são protegidos pelos santos, assim, quem quebrar essas tradições em ato de

“abuso” topam a resistência e proteção divina, onde os mesmos se encontram blindados pelos santos. Momentos que ficam arquivados na memória, são únicos, que servem de suporte, de fortalecimento do grupo, servem de exemplo para aqueles que são rebeldes e passivos de estranheza.

Muitos se mobilizam com o propósito de defender uma ideia, geralmente, nesta comunidade as manifestações são no sentido da fé, de crenças, milagres e de resguardar a memória de conteúdos que vivenciaram durante anos da sua vida. Isso significa que a comunidade preserva sua identidade em comum, se colocando no direito de fazer parte deste contexto que valoriza um município e seus integrantes, elevando sua cultura e não aceitando que a mesma caia no esquecimento da população. Ante o exposto (GONÇALVES, 2011, p.18) afirma [...]”observa-se que as Folias (re)elaboram identidades, incluem pessoas ignoradas pela sociedade, fazendo com que as práticas performáticas desses atores sociais sejam elaboradas cautelosamente”. Assim, a autora fomenta a valorização destes personagens representantes de Santos Reis dentro das folias, oferecendo a eles um papel que a sociedade tenha deixado de evidenciar.

Desta maneira, esses personagens assumem o papel de destaque durante todo esse giro, uma turma de no mínimo doze pessoas, saem visitando as casas, levando orações, encenando o nascimento de Cristo e seus visitantes, deixando os moradores na expectativa da visita, para que os mesmos sejam abençoados por Santos Reis por mais um ano.

Esses personagens fazem a diferença neste lugarejo, uma vez que os mesmos que giram do dia 25 até próximo a data de reis, são os mesmos que retornam a casa da festa e preparam maior parte da organização. Agindo assim, são forçados a ignorar muitas regras que identificaria o grupo como “diferente” dos demais. Regras padrões que será motivo de discursão nos próximos parágrafos.

Durante esta pesquisa em campo, muito questionei a respeito de detalhes da organização que deixaram de ser cumpridos, aos poucos fui percebendo a ausência de flores de papel crepom nos instrumentos musicais e também nas coroas dos festeiros, que foram trocadas por artificiais, sob alegação que as mesmas seriam frágeis e não suportaria água de chuvas ou mesmo suor, sendo as das coroas difíceis de serem confeccionadas, por serem muito pequenas, as xícaras e pratos esmaltados todos substituídos por descartáveis, as toalhas das mesas que eram do tecido chitão por TNTs, bebidas quentes, como vinho, por cerveja vendida no barzinho dentro da festa, o toque da sanfona e outros instrumentos de uso da Folia,

por som mecânico ou mesmo interligados na força elétrica, nos momentos de orações as pessoas não respeitam nem com o silêncio. Como de costume, todos se preparam para ir com a melhor roupa, então muitos vão às compras e se preparam para que fiquem bem apresentáveis ao festejo religioso, conseqüentemente, o palhaço “ boneco” também foi acostumado a este modelo de tradição, todo ano os festeiros teriam que mandar confeccionar o vestido do boneco, pois ficava na expectativa para ter sua nova fantasia, Mas isto tem sido diferente nos últimos anos.

Costumes que são quebrados para facilitar a organização e preparo da festa, uma vez que faltão mão de obra voluntária para eventos religiosos, ou seja, as pessoas são movidas a interesse financeiro, logo, o trabalho se torna muito árduo para os poucos que comparecem, portanto, um número pequeno de pessoas preparam com muito esforço este festar, desta maneira, tudo que puder facilitar este trabalho fica acordado pela maioria, e assim, crucificam algumas tradições que trouxeram de outras gerações. Neste sentido, o folião e principal organizador Célio Ferreira de Souza comenta

Pode dizer que não tem dificuldade, tudo que agente faz, agente faz com muito amor e carinho, então agente não chama de dificuldade, tem algumas coisinhas que são difícil a organização, a organização é um pouco difícil, mas tudo que agente faz com amor e carinho não tem nada difícil, agente faz é por amor a Deus e aos Três Reis Santos.

Segundo ele, as dificuldades são superadas, porque a fé que os move se torna maior diante de qualquer problema. Assim, surgiu a 5ª pergunta aberta. Quais as tradições que existiam no grupo desta folia de Reis que por algum motivo foi quebrada ?

Nois antigamente nois num cumia, carne não, eles dizia que aquele dia era de respeito, de jejum, mais no outro dia Jesus tinha nascido, já podia comer. Aqui na região toda já come, eu não. A mesa dos Foliões antigamente era separada, agora num separa mais. Porque na época que Jesus andava com os apóstolos dele, era 12, andava com os apóstolos dele, então a ceia deles era separado, tinha outras comitiva mais a deles era separada, era só ele com os 12. (Benedito Batista de Souza: Ex folião) 1

A mesa dos fulião é o seguinte: ela representa a mesa dos 12 apóstolos, ela tem que ser separada, então, muitas vezes, por conta que tava juntano pouca gente, então nois fazia tudo junto pra num ficar separado, agora, como tá juntano muita gente, vai ter que tornar separar as mesas, a mesa da janta dos folião tem que ser separada, já conversei com eles, tá todo mundo de ocorde.

Que na verdade, agora vai ter que ser separado, já conversei com eles e eles todos tá de acordo.

A bandeira, onde a bandeira durmir os fulião tem de durmir, eu só durmo onde a bandeira dorme, do dia que sai com a fulia eu só durmo onde a bandeira dorme. Muitos vai pra casa deles, dorme cum as muié deles, e num pode. Isso aí mudou muito, eles teria de durmir junto cum nois.

Banhar pode banhar, num pode é trocar de roupa, eu tomo banho todo dia, eu num troco de roupa, eu banho nesse calorão, até três veiz, mais visto a mesma roupa, eu levo a roupa, num é porque eu num levo, eu levo, porque assim tá nas escrituras, a limpeza do corpo é normal, agora trocar de roupa durante o giro num pode não. (Elizeu Pereira Batista: capitão) 2

Na véspera não podia comer carne, era nascimento de Cristo, na véspera do dia 24 não podia, não cumia não. Cumia era mistura, jiló, macarrão, verdura, abobra verde, angu, arroz, feijão, num cumia carne não. Véspera de nascimento de Cristo, dia 25 já cumia, eu não como até hoje. Dia 25 tinha o almoço né, era frango, tudo quanto era tipo de comida, rumava na mesa, primeiro era os fulião é que comia, depois comunidade, mesa dos fulião era separa, festeiro era junto com os fulião, era muito bem organizado, nossa senhora. (Severiano Pacheco: ex folião) 3

Ah! Foi várias quebradas, tá saindo fora totalmente do que tem de ser a nossa fulia, não serve mais mesa dos fulião, não tem horário de rezar terço, num tem compromisso com Santos Reis, com sinceridade, tá fazeno festa pra agradar o povo e não com Santos Reis, pra seguir as tradições. Girando em ordem contrária. (Silvano Alves da Silva: 3ª voz)

Conforme descrição acima, os entrevistados estão convictos que algumas mudanças que ficaram ausente a este festar podem ser resgatas novamente, uma vez que ficou transparente a insatisfação dos mesmo. Mas assim se constrói tudo que envolve pessoas, com diálogo, renuncia, sujeitar se em prol de um objetivo, esta comunidade não é diferente, sempre estão hábitos a novas escolhas, bons exemplos e acolhimento das ações que beneficiam toda a comunidade.

Aos poucos as mudanças vão acontecendo, a cada ano, algo novo aparece, as gerações não conseguem acompanhar e manter o mesmo padrão de costumes deixados como herança pelos seus pais, seja por falta de dedicação ou mesmo por opção pela mudança. Nada nem ninguém consegue ser igual o tempo todo, nem mesmo a si próprio, se não o mundo ficaria padronizado, sem diferenças, trocas de cultura, sem novidades, sem avanços. O papel das gerações congelariam no tempo. Para fechar este paragrafo cito Gonçalves,

[..] a Festa de Reis em João Pinheiro mantém traços de uma forma tradicional de devoção e não está fechada nem vulnerável as transformações

que provém de um mundo urbanizado. Nesse sentido, as histórias são substancialmente recriadas e, muitas vezes, opõe-se às interpretações ortodoxas. (GONÇALVES, 2011, p. 16)

Se analisarmos as Festas de Reis produzidas a uns anos atrás e as recentes, os enfeites, comidas, bebidas, formas de organização, não fica difícil concordar com a autora acima, pois os costumes vão se transformando, variando de folia para Folia. Ainda neste sentido, desde o ano de 2011 que a comunidade da Fazenda Tapera realiza esta festa em um mesmo local, buscando compreender esta mudança, uma vez que, no passado, as festas eram realizadas na casa de quem pegava a coroa, ou seja, variava de local dentro da comunidade. Mas o fato é, explica a Sr^a. Angelina Fagundes dos Santos, proprietária da Fazenda onde está realizando este festar desde 2011, consecutivo.

È porque não tinha mais como fazer, que de primeiro tinha muita coisa, buriti, cada um fazia seu barraco, então hoje, os buriti e as florestas tão cabano tudo, então quem pegou num tinha onde fazer, e o Célio foi e me pediu pra fazer aqui, sempre ele pede, e agora num precisa pedi mais que eu já deixo.

Esta fazenda virou ponto de referência para a Festa de Reis, todo ano novas ideias são vinculadas a prática dos costumes, adaptam melhorias para oferecer melhor conforto aos participantes, aos poucos vão acontecendo às mudanças, banheiros estão sendo construídos, casas com telhado, cozinha, enfeites nas cercas de arame do pátio onde tem a chegada dos foliões, mesas fixa para servir toda a comida da festa, tudo isso para diminuir o trabalho que se resume á um grupo mínimo de pessoas.

Mas, ao mergulhar neste mundo de organização, é possível observar na semana anterior que tudo é feito com muito carinho, detalhado, toda ajuda é bem vinda pelos organizadores, são receptivos, calorosos, trabalham desde a madrugada até que o corpo peça socorro, geralmente um grupo de 15 pessoas, as vezes nem chega a isso tudo, conseguem preparar de duas a três vacas, três a 4 porcos, cortando, moendo, fritando, fazendo linguiças, frangos caipiras e granja, pelotas e enlatando. Também na mesma semana preparam cerca de 60 kg de doce de leite, fazem flores, bandeirinhas, correntes, lavam, passam, varrem, limpam, tudo com sorriso no rosto, trabalho este que não fica definido por sexo, faz no momento da precisão independente da posição ou sexo que ocupa.

O papel deste voluntários são enriquecidos pela força da fé, são agentes de múltiplas performance, além de participação dentro do terno de folia, ainda atuam como destaque desde o preparo da comida, como aqueles que faz com que a ordem durante este período de 24 ao dia de Reis

aconteça, alguns acusam estes personagens, acreditam que são privilegiados, mas o Sr^o. Benedito, pioneiro dos foliões explica,

Eles diz isso porque a mesa dos fuliões era separada, aí eles dizia que os foliões era, isso é até hoje, os fulião era obrigado a corrigir a festa, ajudar oiá, mais isso é até hoje, é assim, fulião é uma autoridade na festa..

Esses papeis são desenvolvidos dentro do grupo, alguns tem afinidade com um tipo de serviço, são motivados a participar através da família ou observação, outros tem melhor desempenho na cozinha como diz Edneia Tolentino dos Santos,

No início do meu casamento, eu simplesmente era mais uma das tantas pessoas que iam na festa apenas por diversão, com o passar dos anos, tudo foi mudando, eu que ia na cozinha para pegar um prato de comida que minha amiga e comadre me servia, fui aos poucos me tornando intima dos tachos de comida, acho que na verdade, é porque as cozinheiras mais antigas, foram deixando a cozinha aos poucos, e eu que gosto de cozinhar, fui me encaixando ali, hoje, é como se eu fosse uma espécie de líder da cozinha, uma vez que meu marido, é o principal responsável pela organização e realização da Festa de Reis fazenda Tapera, apesar que não sou e nem me acho melhor que as outras, acho que em uma comunidade todos são e devem agir por igual.

Como vimos, as profissões ou papéis vão se encaixando de maneira que vão participando e sendo meros expectadores. Não ouve relatos que os folião fizessem algum tipo de cursinho ou aula instrumental para atuar com seus instrumentos dentro do terno de folia. Mas sim, que vão aproximando e sendo curiosos ao observar como são operados. Chega a ser intrigante esta observação, uma vez que, se tem boa intenção, humildade, a sabedoria vai sendo construída para desenvolver um papel dentro da comunidade. Pessoas que desenvolvem um dom e faz dele ferramenta para obra de servir a Santos Reis, como a Sr^a. Angelina

Primeira vez que cozinhei foi em 77, eu fiz cumida pra fulia de reis, voluntariamente, com fé em Santos reis, trabaiava pro santo, e depois passei a ser florista, cozinhei uns 7 ano, tem uns dez mais ao menos que sou florista. Ninguém nunca me ensinou, fiz por conta própria, toda vez que eu pedia alguém me ensinar, caçoava de mim, eu aprendia fazer sozinha, oiano pelos buracos, fazeno conta própria. Ensinei pro cêis, pra muita minina jove, toda minina aqui que tinha em volta, toda minina que quis eu ensinei.

Para fomentar esta discursão, mais uma vez, (GONÇALVES, 2011, p. 220) argumenta,“ Observa-se uma grande importância atribuída às Folias por parte desses atores

sociais; os foliões percebem a folia com um “designo de Deus” e não medem esforços para cumprir as suas obrigações dentro das mesmas”. Isso explica o porque de tanto esforço, renuncia de muitas outras atividades para se manter a serviço dos Santos, segundo a autora, ser um folião é o mesmo que ser escolhidos para desempenhar um papel importante solicitado por alguém que também se tornou importante em suas vidas, assim, se tornam dispostos a cumprir com seu papel dentro da comunidade, e aplica com responsabilidade o mesmo.

O Sr. Benedito, com sua memória infalível nos trás também quem foi a primeira florista desta festa,

Foi Joaquina Ferreira, foi a primeira florista desta festa, depois passou pra fia dela, Vicentina, depois Maria Chata fez alguns anos também junto cum Joaquina, sempre era junto, Joaquina era parente de dois fulião e meu tamém, depois sua mãe Angelina e agora parou.

Faziam trabalhos ricos e artesanais somente com folhas de papel crepom e cola. A participação da comunidade durante este festejo, desde o acolhimento aos foliões no momento do giro até a preparação para o dia da Festa de Santos Reis geralmente era acolhedora, com isoladas exceções. Embora esta comunidade hoje resida em boa parte na área urbana, mas muitos mantém suas fazendas com algum parente morando, ou os que já não possui terras, nesta época se albergam na própria casa da festa ou vizinhos mais chegados, mas fazem questão de manter o vínculo participativo durante essa programação do festar.

Para melhor esclarecer esta participação da comunidade, a pergunta de nº 6 aberta vem solicitar dos entrevistados que comente como é a participação da comunidade durante o a realização da Festa de Reis da fazenda Tapera.

Tem pessoas que vem por obrigação, que é obrigado, tem pessoas que vem por gostar, trabalha por amor, tem pessoas que não conseguem ficar sem o serviço a disposição de trabalhar nas festas de Reis, e é assim por diante, aquelas pessoas que trabalha acho que é mais é por amor, já acostumou a todo ano, já fica reservano aquele tempo pra trabaia pros Santos Reis, igual é o meu caso, já tiro o mês de dezembro, quando vejo que tá aproximando o natal, já me coloco a disposição, o meu trabalho é dos Três Reis Santos, ajudo na construção das casas, ajudo a juntar mercadoria de fazer a festa, acho que agente faz, agente faz é por amor, acho que todo mundo faz é por amor. (Célio Ferreira de Souza: Sanfoneiro) 1

Uai, comunidade com muito respeito, que a hora que agente vai com a folia nas casa todo mundo para o que eles ta fazeno pra receber as folia. Pra nois é um orgulho muito grande, que agente chega cum as folia lá na casa deles, todo mundo para o ta fazeno pra receber os folião e só para depois que agente sai. (Elizeu Pereira Batista: capitão) 2

Muito participante, constante na festa, tudo participa bem, toda comunidade lá é presente. (Adão Soares da Silva: Caixeiro) 3

As descrições acima por unanimidade entenderam que a comunidade tem aceitação a Folia de Reis da Fazenda Tapera, o que é motivo para serem melhores protagonistas ainda, uma vez que, tudo que é feito com incentivo flui melhor, até porque faz parte da religião. No sentido deste contexto

É possível afirmar que o ritual da Folia de Reis cumpre um importante papel: o de reunir antigos moradores do lugarejo que hoje vivem em várias cidades e estados. E, ao encontrar os amigos, reviver as saudades, ativar a memória que foi construída pela coletividade, reavivar também os valores e crenças. Essa é uma forma de construir um grupo social. (BRAGA, KAMIMURA, 2010, p.284)

Segundo as autoras, as Folias de Reis, além de serem instrumentos de fé, torna ainda produtivos no sentido de unificar o desejo das famílias que é voltar a protagonizar os espaços familiares e tornar íntimo das memórias de um processo que foi recriado por alguns modelos de gerações.

Abordando estes momentos diversos, onde a esfera revelada ficou na Festa de Santos Reis e suas propriedades, momentos históricos que marcaram a comunidade Fazenda Tapera, embora, grande parte destes lembranças ainda estão sendo resguardadas por seus fieis guardiões do saber, foi possível manter uma certa intimidade com os causos, as pessoas que um dia fizeram parte deste contexto, suas memórias estão sendo lembradas na coroa que se coloca na cabeça de um folião, em alguns modelos de flores confeccionadas, na cozinheira que tinha um jeitinho só dela de atuar na cozinha, nas lembranças de quem participou e conviveu com este ritual de alguma maneira.

Para fechar este tema, cabe aqui a pergunta aberta nº 7, e a que deixará os sentimentos além das emoções, pois perguntei a estes guardiões, qual o significado da Folia de Reis na sua vida? Assim me responderam

Pessoa que descobri isso, cada vez fica mais surpreendido com o tanto que é bão. A pessoa que não tem noção, acha que isso é uma

brincadeira, é uma palhaçada, é uma farra, é pra cachaça e num tem nada disso, uma pessoa que põe uma tuaia dessa no pescoço, e sai no giro, a responsabilidade dela é representando os doze apóstolo, é tudo uns irmãos.(Silvano Alves da Silva: 3ª voz) 1

Eu acho bõo demais, se eu pudesse ficava diara cantano fulia né. (Justino Luiz Nogueira: ex folião) 2

Significado é tudo. Pra mim é tudo, porque eu largo tudo que eu tenho que fazer pra ir lá né, então pra mim representa tudo lá, então eu tenho grupo de folia aqui de João Pinheiro, larguei tudo aqui, nois tinha 22 fulião aqui eu larguei tudo pra servir a eles lá porque lá era mais pouco, e num tava tendo quem assumisse compromisso né, tinha os fulião, mas não assumia o compromisso, aí eu fui pra lá e assumi, aí o Célio apareceu pra mim ajudar também e graças a Deus nois vai levano a vida, então foi uma graça grande demais. Parece que Deus tava me falano pro cê ir lá, que lá eles tá precisando mais que aqui, nós só tem que dá graças a Deus. (Elizeu pereira Batista: Capitão:)1

Pra mim significa a minha formação religiosa e o gosto pelos Três Reis foi onde aprendi que Deus é tudo em nossas vidas, sem ele jamais seremos felizes tudo que já me aconteceu sempre agarrei nas mãos de Deus e pedi aos Três Reis e Nossa Senhora Aparecida que intercedesse a Deus por mim. (Gezo Silviamar Gomes Tavares: fiel)5

Mediante a estas colocações, foi possível observar a qualidade que a Folia proporciona a esta comunidade. Ela se fez presente a uma identidade coletiva que oportunizou o crescimento social deste participantes, desta cultura religiosa. Gonçalves, em sua obra faz menção a este ato de dedicação aos Santos,

Fazer parte das manifestações populares, pertencer diretamente aos grupos de Folias que dão vida à história bíblica do nascimento do Menino Jesus requer dedicação, habilidade e, principalmente, crer no milagre que envolve toda a razão de ser e de perpetuar da Folia de Reis, como uma força que vem do alto, um sinal de Deus, que anuncia prodígios e faz milagres. Para fazer jus a ele é preciso ouvir o chamado, e ter crença neles[...] (GONÇALVES,2011,p.195)

Ministrar esta dedicação que desemboca na fé aos Santos, trás a esta comunidade segurança e sensação de dever cumprido. A população que tem como alicerce os

santos de devoção e são a eles que se apegam pelo simples fato dos santos não especificar o poder aquisitivo a que ela pertence, sua humildade se torna o seu maior tesouro.

Ao iniciar este trabalho, muitas inquietações vinha de encontro a curiosidade de uma acadêmica que por anos buscava alternativas para consolidar este mesmo trabalho as praticas educativas. Ao perceber que todos os desejos de uma pesquisadora inexperiente pudesse ter como alicerce historiadores conceituados, foi possível mergulhar fundo na memória daqueles que participaram deste processo religioso. A fundação deste Terno de Folia foi adquirido através da união de pessoas que conduziu a vontade de cantar com o desejo de se realizar como guardião da fé aos Santos Reis, Um capitão recém separado de seu terno de Folia, com um sonhador em organizar outro terno de Folia, com ambas as vocações eis que vieram dar vida ao Terno de Folia da Fazenda Tapera.

Esta folia provocou sentido nesta comunidade, uniu gerações, desencadeou princípios e respeito às pessoas, a fé religiosa. Este grupo viveu e ainda vive momentos de expectativas e devoção à espera milagres recebido dos santos. Esta comunidade encontra na fé motivos para servir, ser um operário serviço de Deus.

De gerações a gerações saberes foram repassados, a educação religiosa ligada ao respeito, simplicidade, amor, união. Bases como essa que identificou esta comunidade e a fez diferente das demais. Os jovens carregam em suas atitudes o respeito ao próximo, aos pais, devido a participação continua dentro deste processo que foi a base religiosa e devoção ao Santos.

Ano a ano muita coisa pode ser variado, transformado, inclusive as memórias e tradições, independente do costume, nada permanece inalterado, pois o sistema rigoroso do avanço tecnológico engloba toda uma nação, mesmo as mudanças sejam por menores elas tem de acontecer que esta mesma geração possa deixar suas marcas na história. Enquanto alguns tradições deste grupo foi quebradas, outras foram colocadas no lugar, talvez com maior facilidade de conduzir, resguardar, e temporizar, assim, foi identificado muitas quebras da natureza real da tradição da festa e seus preparos, mas a memória está protegida nos corações de quem nele se insere.

A elaboração deste trabalho, propôs uma viagem nas gerações de legado desta comunidade Fazenda Tapera. Para que as mesmas fossem recordadas e especificadas para fins de destacar dentro as manifestações religiosas a esfera que norteou o mesmo, A folia de Reis desta fazenda fez morada por quase 60 anos de existência nesta comunidade trazendo em seu contexto

guerreiros que se fazem presente, mesmo nas dificuldades e se fazem de escudo para resguardar a identidade do grupo.

Neste contexto, enriquecido pela memória dos entrevistados, foi possível compreender a importância e o respeito a fé que esta comunidade mantém aos Santos, mais propriamente dizendo, Santos Reis.

Portanto, esta mesma comunidade cumpriu e ainda o faz de resguardar o papel cultural dentro desta manifestação, e tem o cuidado em preservar a memória através das gerações e garantindo os direitos fundamentais da educação dos jovens e adultos que nela se insere, tornando-os homens e mulheres, educados nos princípios e bons costumes neste processo histórico .

III-CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi feita com o propósito de conhecer todas as propriedades aplicadas a uma tradição que foi fundada à quase sessenta anos na comunidade Fazenda Tapera, com este trabalho, foi possível identificar a relevância da educação repassada dos idosos as crianças por meio da memória, e assim, foi concluído que a Folia de Reis da Fazenda tapera, é uma tradição cultural, um ambiente de conhecimento e aprendizagem constante.

Para que esta educação fosse destacada, foi abordado alguns temas que definiram a importância de manter ativo este terno de folia para que essa comunidade não fosse esquecida pelo município, uma vez que é de suma importância a cultura contida em uma cidade para valorização da mesma.

As crenças, costumes de uma comunidade que não está fechada para o progresso, mas que ainda sim, considera importante manter vínculo construtivo com seu passado, ampliando seus horizontes a partir dos costumes que receberam como herança de seus familiares.

A Folia de Reis da Fazenda Tapera, apesar de hoje estar uma comunidade bastante resumida pelo êxito rural, mas prova que quando há necessidade todos ficam unidos para causa em comum. Enriquecida pela fé, a comunidade permanece com sua força inabalável, cheia de qualidades e humildes de natureza, assim a comunidade foi gerada, e assim insistem em permanecer.

Portanto, considero que foi um trabalho muito denso, difícil ser elaborado, mas que os objetivos tenham força maior que as dificuldades encontradas, pois a intenção é que o mesmo seja subsídio para outros estudantes, profissionais que resolver enfrentar o desafio da pesquisa, logo, espero poder ajudar de alguma maneira, assim como foi possível ser amparada por vários outros trabalhos imensuráveis e ricos em informações. Fica aqui o meu respeito e pequena participação no mundo dos pesquisadores.

IV- REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Folia de Reis de Mossâmedes. Rio de Janeiro: Funarte, Cadernos de Folclore; 20; 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação. 3ª. ed. São Paulo: editora brasiliense; 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sacerdotes de Viola: Rituais Religiosos do Catolicismo Popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes; 1981.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Metodologia da Pesquisa Educacional; 1979.

GONÇALVES, Maria Célia da Silva. As Folias de Reis de João Pinheiro: Performance e Identidades Sertanejas no Noroeste Mineiro. Patrimônio Cultural de João Pinheiro: João Pinheiro; 2011.

KAMIMURA, Ana Lúcia Martins, BRAGA, Roberta Santana. A Importância da Folia de Reis como Tradição Identitária do Município de Canápolis – MG; 2010.

LOURENÇO, Aliny Cristina. A Folia de Reis de São Paulo do Barreiro: Recurso Cultural Brasileiro. Universidade de São Paulo; 2014.

MARTHIN, Luther King

PATEMAN, Carole. Participação e Teoria Democrática: Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1992.

SILVA, René Marc da Costa. Cultura Popular e a Educação In: Cultura Popular e Educação. Salto para o Futuro. Brasília: TV Escola/SEED/MEC; 2008.

V- ANEXOS

CJP – FACULDADE CIDADE DE JOÃO PINHEIRO PDAGOGIA

Trabalho de Conclusão de Curso TCC II

Carta de Intenção

Eu, Angelita Aparecida Ferreira de Souza, brasileira, pinheirense, acadêmica do 8º período de Pedagogia na Faculdade Cidade de João Pinheiro, venho por meio desta declarar minha intenção de pesquisar o ritual completo da Folia de Reis da Fazenda Tapera desde o seu surgimento até os dias atuais, através desta, irei enfatizar o meu desejo de tornar público a cultura contida neste ritual e seus benefícios vinculados através da prática educativa informal.

Portanto, tendo em vista que o tema está relacionado a vossa senhoria, venho solicitar sua atenciosa colaboração para este trabalho e desde já agradecer sua participação e enriquecimento do mesmo, neste sentido, “Conhecer a cultura regional e nacional nos torna protagonista de nossa, no exercício de nossa cidadania com total domínio de nossa identidade, possibilitando-nos a formação de cidadãos conscientes para a preservação e progresso de nossa história.” (Monicka Christi)

Att,

Angelita Aparecida Ferreira de Souza

Perfil Social dos Entrevistados:

- 1) Sexo:
 - Masculino
 - Feminino
- 2) Idade:
 - 25 a 40 anos
 - 41 a 56 anos
 - 57 a 70 anos
 - 71 a 86 anos
- 3) Escolaridade:
 - Analfabeto
 - Ensino Fundamental Incompleto
 - Ensino Fundamental Completo
 - Ensino Médio
- 4) Local onde reside:
 - Zona Rural
 - Zona Urbana
- 5) Quando, função, e o motivo da inclusão deles a Folia de Santos Reis.
- 6) De que maneira os jovens adquirem a vontade de ser seguidor de Santos Reis e como essa educação contribui para a formação de valores e fortalecimento da tradição?

- 7) Já receberam graças advindas de promessas aos santos e se as mesmas já foram cumpridas e concedidas por eles?
- 8) Já presenciaram algum milagre de Santos Reis? Comente.
- 9) Quais as tradições que existiam no grupo desta folia de Reis que por algum motivo foram quebrada?
- 10) Como é a participação da comunidade durante a realização da Festa de Reis da Fazenda Tapera?
- 11) Qual o significado da Folia de Reis na sua vida?